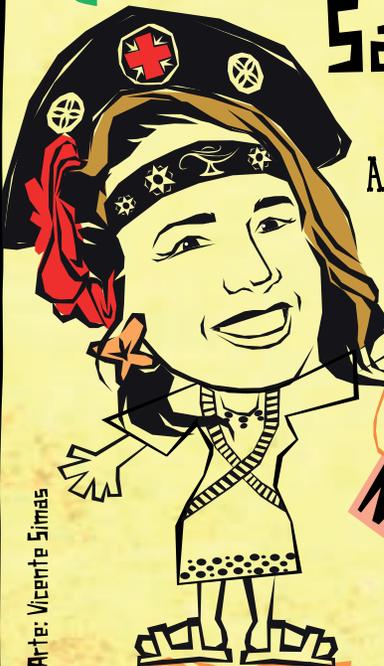


POESIA POPULAR

Ferramenta de Inclusão
na
Saúde Mental

Anne Karolynne Santos de Negreiros
e
Chirlaine Cristine Gonçalves



Arte: Vicente Simas



Poesia Popular

Ferramenta de inclusão na saúde mental

Anne Karolynne Santos De Negreiros

Chirlaine Cristine Gonçalves



**INSTITUTO
FEDERAL**
Sergipe

2019

Copyright © 2019 • IFS

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida em nenhuma forma e por nenhum meio mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento de informação, sem autorização expressa dos autores ou do IFS.

DIRETORA DE PUBLICAÇÕES

Vanina Cardoso Viana Andrade

PLANEJAMENTO E

COORDENAÇÃO GRÁFICA

Renan Garcia de Passos

EDITORAÇÃO

Diego Ramos Feitosa

Jéssika Lima Santos

Kelly Cristina Barbosa

Júlio César Nunes Ramiro

PROJETO GRÁFICO DA CAPA E ILUSTRAÇÕES

Anne Karolynne e Vicente Simas

DIAGRAMAÇÃO

Jéssika Lima Santos

REVISÃO

Jucilene Negreiros

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

N385p	Negreiros, Anne Karolynne Santos de Poesia popular [recurso eletrônico] : ferramenta de inclusão na saúde mental / Anne Karolynne Santos de Negreiros, Chirlaine Cristine Golçalves – 1. ed. Aracaju: IFS, 2019. 100 p.: il.
	Formato: e-book ISBN 978-85-9591-096-6
	1. Poesia. 2. Psicologia. 3. Psiquiatria. 4. Cordel. 5. Inclusão social. I. Gonçalves, Chirlaine Cristine. II. Título.
	CDU: 398.5:616.8

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Célia Aparecida Santos de Araújo (CRB 5/1030)

[2019]

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS)

Avenida Jorge Amado, 1551. Loteamento Garcia, bairro Jardins.

Aracaju/SE. CEP: 49025-330.

Tel.: +55 (79) 3711-3222. E-mail: edifs@ifs.edu.br.

Impresso no Brasil



Ministério da Educação

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe

Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Educação

Abraham Bragança de Vasconcellos Weintraub

Secretário da Educação Profissional e Tecnológica

Alexandro Ferreira de Souza

Reitora do IFS

Ruth Sales Gama de Andrade

Pró-reitora de Pesquisa e Extensão

Chirlaine Cristine Gonçalves

DEDICATÓRIA

*À vida com liberdade
Vivida sem agonia
Sem tortura e exclusão
Com respeito e calma
Regada de acolhimento
E expressão do sentimento
Através da poesia.*

GRATIDÃO EM POESIA

Poetisa Anne Karolynne



Primeiro, a **Deus** agradeço
Por estar sempre comigo
Protegendo e me guiando
E também me dando abrigo
Me ajudando a decidir
Sobre o caminho a seguir
Me mostrando que eu consigo.

Eu sou grata a meu marido
Que sabe compreender
Minha vida atribulada
Com tanta coisa a fazer
Ulisses me dá valor
Dá seu apoio e amor
Que nem dá pra descrever.

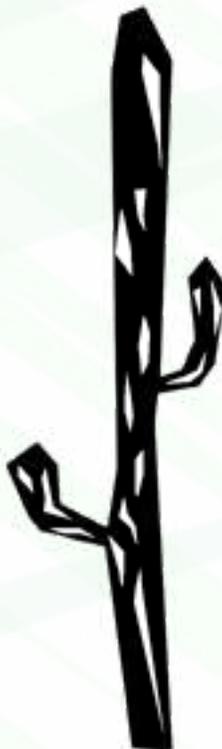
Meu rebento, **Ulisses Filho**
Meu filho, que é tão amado,
Que me inspira e faz viver
Feliz e plena ao seu lado
Presente de Deus pra mim
Retrato do amor sem fim
No céu de luz estampado.

A minha mãe, que é minha amiga,
Eu digo: muito obrigada
Jucilene, atenciosa,
Dia, noite ou madrugada
Seu exemplo me mostrou
E tudo o que hoje eu sou
Agradeço à minha amada.

Meus irmãos muito queridos:
Carlos Júnior, meu irmão,
Parceiro desde a infância
Que mora no coração
E **Amanda**, que é tão presente,
Deixa a vida reluzente
Traz, pra mim, motivação.

Sou grata a meu pai **Eron**,
Comigo compreensivo,
Pois quando eu “virava a noite”
Ele estava apreensivo
Me enxergando uma aprendiz
Querendo me ver feliz
Me dando o seu incentivo.

A meu tio **Josimar**
Eu digo, com emoção,
Que é a minha referência
Que me mostra a direção
Me estimulando a estudar
E toda meta alcançar
Com garra e dedicação.





Chirlaine, orientadora,
Professora e enfermeira
Na teoria ou na prática
Doando-se por inteira
Fez junto a mim a pesquisa
E vestiu mesmo a camisa
Ela não é brincadeira!

Agradeço ao **CAPS III**
A cada profissional
E também aos usuários
De riqueza sem igual
Trocando essa experiência
De aprendizado e vivência
Sobre a saúde mental.

A **todos**, que, no caminho,
Trouxeram ensinamento
Contribuíram comigo
Me trazendo crescimento
Faço versos de alegria
E versejo, em poesia,
O meu agradecimento.

SUMÁRIO



Prefácio	13
Apresentação	15
Capítulo 1 - Para início de conversa	18
Capítulo 2 - Construção da reforma psiquiátrica com respeito e poesia	24
Capítulo 3 - Mãos no cordel - como tudo aconteceu	34
Capítulo 4 - Tenho voz, vez e poesia - como me senti nas oficinas de cordel	76
Capítulo 5 - Um fim que não para por aqui	87
Cordel - Incluir, ouvir, cuidar	92
Referências	96

PREFÁCIO

A experiência docente proporciona diversas oportunidades para conhecer diversas experiências acadêmicas, sobretudo relativas a relatórios de conclusão de curso, seja na graduação ou pós-graduação. Mas poucas vezes senti que aquele trabalho havia feito realmente alguma diferença, seja na área acadêmica ou social. É o caso do trabalho de conclusão da enfermeira Anne Karolynne, que foi orientado pela professora Chirlaine Gonçalves, agora convertido no livro “Poesia popular - ferramenta de inclusão na saúde mental”, que tenho a honra de prefaciar. As autoras iniciam a obra destacando a importância de aliar a arte para executar melhor o trabalho da enfermagem na área de saúde mental, uma vez que, historicamente, o tratamento de distúrbios da mente esteve associado a práticas pouco humanizadas, que tratavam os indivíduos mais como prisioneiros do que como pacientes.

Entretanto, nas últimas décadas houve diversos avanços significativos na terapia e, concomitantemente, diversos profissionais buscaram alternativas para o tratamento das pessoas com transtorno mental. Neste cenário, a então acadêmica de enfermagem Anne teve a ideia de utilizar a literatura de cordel como coadjuvante no resgate do equilíbrio mental. Esta obra resgata este momento ímpar para a formação da pesquisadora e para os indivíduos envolvidos neste uso da arte como recurso terapêutico na saúde mental.

Por isso recomendo a leitura atenta deste livro, pois a relevância do assunto abordado o torna uma referência e uma fonte de consulta que contribui significativamente para a compreensão dos diversos caminhos que podem ser trilhados nesta busca por um tratamento mais humanizado e holístico das pessoas com transtornos mentais.

Josimar Medeiros
Universidade Estadual da Paraíba

APRESENTAÇÃO

Quando se reúne num só lugar: a arte, a enfermagem, a saúde mental e a poesia popular, o que é que resulta dessa mistura? Um livro que conta a história de uma pesquisa cheia de boas experiências, sensibilidade, cuidado e amor.

No Brasil, a história da saúde mental foi construída com marginalidade, exclusão, violências, torturas, asilamento e as práticas mais desumanas e cruéis que um ser humano possa sofrer, num período prolongado de massacre nos “porões da loucura”, os manicômios. As denúncias sobre esse cenário caótico da degradação humana demoraram a acontecer, e, quando foram acontecendo, demoraram a ganhar repercussão. Mas o movimento de desinstitucionalização foi acontecendo mundialmente e os ecos da liberdade alcançaram o Brasil, que começou a bradar pela luta antimanicomial. Os movimentos sociais ganharam corpo, as manifestações começaram a cobrar pela mudança no paradigma na saúde mental e a esperança começou a brotar na vida daqueles que tinham sido desenganados pela loucura.

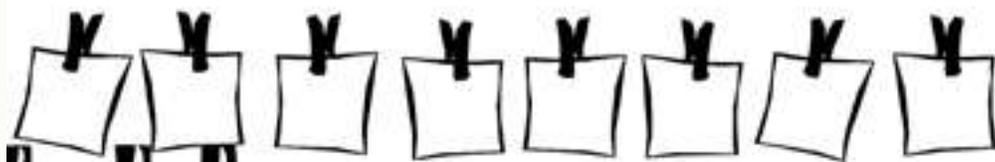
A reforma psiquiátrica foi fundamentada por uma lei de proteção às pessoas com sofrimento mental há cerca de duas décadas, algo ainda recente no país; as práticas humanitárias de ressocialização, direitos humanos e cuidado em liberdade propostas pela legislação e pelo movimento antimanicomial estão sendo colocados em prática por todos os que levantam essa bandeira. Foram mais de trinta anos de luta contra o modelo manicomial que trata as pessoas como prisioneiros, e não como pacientes ou pessoas que necessitam de cuidados.

Diante das buscas pela garantia dos direitos das pessoas que têm sofrimento psíquico, várias iniciativas foram acontecendo no sentido de resgate da humanidade das pessoas que anteriormente foram institucionalizadas, visando à sua ressocialização. Nesse sentido, no ano de 2010, ainda enquanto acadêmica do curso de enfermagem da Faculdade de Ciências Médicas, eis que surgiu o interesse desta pesquisadora em realizar um estudo com o público de usuários frequentadores de um dos serviços substitutivos de Campina Grande, na Paraíba, o Centro de Atenção Psicossocial III - Reviver. A ideia foi reunir um grupo de usuários do serviço para participar de oficinas de literatura de cordel, poesia popular tradicional do nordeste. O objetivo era saber se os usuários já tinham algum conhecimento sobre essa literatura, e, após a participação nas oficinas promovidas, quais mudanças essa sensibilização através da arte traria para suas vidas. Pensou-se em promover um entrosamento, integração e socialização dos

participantes das oficinas de cordel, estimulando a expressão dos sentimentos, ideias e emoções através da poesia, além de identificar quaisquer dificuldades enfrentadas por eles durante as oficinas.

Anos após a realização da pesquisa e apresentação do trabalho, esta trajetória é resgatada e tem a oportunidade de ser transformada num livro, que conta toda a trajetória das oficinas de cordel que foram realizadas no CAPS III de Campina Grande. A obra foi dividida em cinco capítulos: o capítulo 1: “Para início de conversa”, o qual faz um apanhado geral sobre o tema que será desenvolvido durante o estudo; o capítulo 2: “Construção da reforma psiquiátrica com respeito e poesia”, que trabalha com algumas conceituações sobre os serviços substitutivos aos hospitais psiquiátricos – os CAPS, sobre o uso da arte como recurso terapêutico na saúde mental e fundamentações acerca da literatura de cordel; o capítulo 3: “Mãos no cordel – como tudo aconteceu”, que mostra todo o desenrolar da parte prática da pesquisa, abordando o cenário deste estudo, os participantes, como os dados foram coletados, os aspectos éticos e o passo a passo de como todas as oficinas foram desenvolvidas; o capítulo 4: “Tenho voz, vez e poesia – como me senti nas oficinas de cordel”, o qual traz as falas dos participantes das oficinas, sobre como se sentiram, o que aprenderam, suas dificuldades, o que levaram para suas vidas a partir dessas vivências; o capítulo 5: “Um fim que não para por aqui” é o que encerra o livro, trazendo as considerações finais, as impressões, a essência de tudo o que foi pesquisado e vivenciado, com aquele gostinho de quero mais. Durante os capítulos, o livro é ilustrado com fotografias registradas antes e durante todo o processo de pesquisa no CAPS III - Reviver.

Anne Karolynne S. Negreiros



CAPÍTULO I

PARA INÍCIO DE CONVERSA



“ESTA NOITE EU TIVE UM SONHO
SONHEI COM PASSARINHO
VEIO ME DAR UM RECADO
QUE NÃO ESTAVA SOZINHO
ME DIZIA SEMPRE CORAGEM
NÃO TEMAS, MEU CORAÇÃOZINHO”.

USUÁRIO A

A arte é um instrumento de expressão, comunicação e também de linguagem. É uma energia mútua entre quem cria e o que é criado, tendo a capacidade de expor o que é não-exprimível e, simultaneamente, refletir uma necessidade de modificação pessoal. É capaz de guiar o desenvolvimento da criatividade, expandindo e multiplicando as necessidades do ser humano. Todas as pessoas, e especificamente as que se encontram em sofrimento físico e/ou psíquico, necessitam criar e também manifestar essa criação. Por isso o trabalho com a arte está cada vez mais sendo visto como uma terapia de promoção, preservação e recuperação da saúde, principalmente em relação à saúde mental dos indivíduos (VALLADARES; FUSSI, 2003).

A utilização de métodos artísticos para finalidades terapêuticas no âmbito da saúde mental é compreendida como recurso de humanização do cuidado, atuando como co-produtora de subjetividade que potencializa a criatividade de usuários e profissionais, além de dinamizar as atividades que são oferecidas pelos serviços especializados no cuidado à saúde mental, como os Centros de Atenção Psicossocial (CROSCATO; BUENO, 2009). Os benefícios do uso da arte nesses serviços são coerentes com a proposta Reforma Psiquiátrica, concretizada legalmente no Brasil pela lei 10.216 em 2001, no que se refere à proteção e aos direitos das pessoas com transtornos mentais, e ao redirecionamento do modelo assistencial em saúde mental, pois, quando o cuidado está sincronizado com a cultura, as perspectivas de cuidado se ampliam de forma caleidoscópica.

Os Centros de Atenção Psicossocial são serviços substitutivos ao hospital psiquiátrico e foram implementados no país durante a Reforma Psiquiátrica, com a finalidade de atender pessoas com transtornos mentais severos e persistentes, sob a lógica da territorialidade. Eles são regulamentados pela portaria ministerial GM nº 336, de 19 de fevereiro de 2002 (BRASIL, 2002), e são compostos por uma equipe multiprofissional, conforme preconizado em portaria, dentre os quais o enfermeiro é um profissional que compõe essa equipe.



Usuários em oficina no CAPS III de Campina Grande/PB
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010

A enfermagem, em sua diversidade de ações atuantes na promoção da saúde, busca sempre ampliar suas possibilidades de cuidado, buscando novos direcionamentos para que ele se torne mais intenso e humano, e, portanto, mais efetivo. O enfermeiro pode utilizar a literatura de cordel como veículo transmissor de informações, principalmente em caráter preventivo, estimulando a divulgação da criatividade dos diversos grupos em que ele possa trabalhar, além de valorizar a cultura do país (TREZZA; SANTOS; SANTOS, 2007).

Sendo assim, uma das artes que pode ser trabalhada com a finalidade terapêutica na saúde mental pelos profissionais da enfermagem é a literatura de cordel, que é uma poesia popular regional disseminada principalmente na região Nordeste do Brasil. Por ser uma literatura de cunho cultural, é de fácil acesso e leitura, além de apresentar distintas possibilidades de explorar temas dentro da literatura, pela variedade temática existente (BATISTA, 1977).

Literatura de cordel pendurada em barbantes
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010



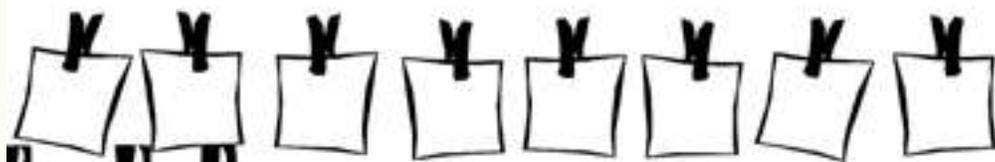
A literatura de cordel traz um dos campos de estudo literário e folclórico mais férteis, devido a ser uma especialidade dentro do panorama da cultura popular brasileira, com vitalidade, constância e abrangência temática e com uma linguagem tipicamente nordestina e brasileira. O folheto de cordel foi o primeiro jornal do sertanejo nordestino, antes do aparecimento do jornal propriamente dito. É uma literatura também utilizada como auxiliar na alfabetização, para fins educativos e de política sanitária, além de ser estratégia de sobrevivência entre pessoas de baixa renda, numa função semelhante a outras atividades artesanais. Para o professor e pesquisador Raymond Cantel, a literatura de cordel é uma poesia popular narrativa, impressa. Alguns nomes de poetas populares da literatura de cordel são Leandro Gomes de Barros, Patativa do Assaré, Rodolfo Coelho Cavalcante, João Martins de Athayde e Azulão. As temáticas do cordel são extremamente diversificadas, pois quase tudo serve de motivo para que os poetas populares escrevam seus folhetos, como fatos acontecidos, pejejas, desafios, tragédias e histórias de vida (MELO, 1994).

Nesse contexto de saúde mental, enfermagem, cuidado e literatura popular, foram elaboradas oficinas de cordel para aplicação no Centro de Atenção Psicossocial III de Campina Grande/PB. Além de oferecer as oficinas, a finalidade deste estudo foi impulsionar a ressocialização dos usuários do CAPS, estimular a autoestima, o relacionamento grupal, a expressão dos sentimentos, ideias e emoções, a expressão da subjetividade e a autonomia dos participantes. Para isso, buscou-se (re)descobrir os talentos intrínsecos dos usuários, resgatando a cultura regional através da literatura de cordel para desenvolver e aguçar as habilidades deles, não se pretendendo levar apenas um conhecimento teórico sobre as temáticas desenvolvidas, mas, principalmente, um estímulo à prática do que foi ministrado para eles. Durante a pesquisa, buscou-se avaliar o conhecimento prévio dos usuários sobre a literatura de cordel, e, após as oficinas ministradas, foram avaliadas as principais dificuldades enfrentadas pelos usuários durante a realização das oficinas e quais as mudanças percebidas por eles.

Nas oficinas foram declamados cordéis de poetas populares, foi apresentada a origem do cordel, através de oficinas teóricas e práticas, e foram mostrados a estrutura do cordel e os elementos essenciais presentes na poesia, a fim de que os usuários produzissem suas próprias estrofes de cordel. Toda a metodologia e resultados desta pesquisa serão apresentados nos capítulos subsequentes.



Retratos de momentos das oficinas de cordel no CAPS
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010



CAPÍTULO II

CONSTRUÇÃO DA REFORMA PSIQUIÁTRICA COM RESPEITO E POESIA



**“NA LEITURA NÃO SOU TÃO EXPERIENTE
NÃO SEI ESCREVER REPENTE.
MAS ESCREVO ALGUMA PALAVRA
QUE PAREÇA E REPRESENTAR.”**

USUÁRIO C

Neste capítulo serão abordadas temáticas sobre o Centro de Atenção Psicossocial, a arte relacionada à saúde mental e também a ressocialização a partir da abordagem da literatura de cordel.

Centro de Atenção Psicossocial: o cuidado do território

A vinda do italiano Franco Basaglia ao Brasil, em julho de 1979, foi um marco para o início da luta antimanicomial no país. O psiquiatra foi pioneiro no movimento mundial contra os manicômios, através da iniciativa da criação da lei 180 na Itália, estabelecendo a abolição dos hospitais psiquiátricos no país. Quando Basaglia veio ao Brasil, visitou vários hospícios brasileiros, e, quando visitou um dos maiores hospitais psiquiátricos de Minas Gerais, Barbacena, o psiquiatra mandou acionar a imprensa brasileira para fazer uma denúncia durante um curso ministrado na Associação Médica Mineira e fez o seu relato: “-Estive hoje num campo de concentração nazista. Em nenhum lugar do mundo presenciei uma tragédia como esta...” e a loucura mineira repercutiu nos quatro cantos do país e do mundo. Basaglia motivou o movimento da luta antimanicomial no Brasil e, a partir do seu incentivo, várias denúncias começaram a ser feitas por outros psiquiatras que trabalhavam nos hospícios e por profissionais que também atuavam nesses serviços. Reportagens começaram a ser realizadas nos hospitais insalubres que cultivavam a loucura. “Os porões da loucura” é um grande exemplo de uma série de reportagens feitas pelo jornalista Hiram Firmino, que despertou na sociedade a necessidade de mobilização. A jornalista Daniela Arbex fez um trabalho de investigação, entrevistas e escreveu um livro-reportagem, apurando uma série de documentos históricos sobre as condições do manicômio de Barbacena de Minas Gerais, o “Colônia”, que resultaram no livro “Holocausto Brasileiro” (ARBEX, 2013).

Dessa forma, com o fechamento gradativo dos hospitais psiquiátricos, mesmo que alguns ainda tenham sobrevivido ao movimento de Reforma Psiquiátrica, a implantação do novo modelo assistencial no país trouxe uma nova concepção de saúde, de doença e de tratamento, tanto para os trabalhadores da saúde mental, como para os usuários destes serviços e suas famílias (CEDRAZ; DIMENSTEIN, 2005).

O sanitarista Paulo Amarante, um dos pioneiros do movimento brasileiro de Reforma Psiquiátrica, escreveu “O homem e a serpente: outras histórias para a loucu-

ra e a psiquiatria”, prefaciado por Franco Basaglia, no qual afirma que o processo de desinstitucionalização requer uma “reconstrução da complexidade” do fenômeno da loucura, superando as instituições manicomiais e rompendo com seu paradigma, e o novo dispositivo criado para substituir essas instituições podem ser chamados de “dispositivo de desinstitucionalização”, reportando à desconstrução do saber psiquiátrico e ultrapassando as concepções de desospitalização; é um processo ético porque vai na contramão do estigma, da exclusão e da violência, em que se reconhecem novos sujeitos de direitos, novos direitos para estes sujeitos e novas possibilidades de reprodução social destes mesmos sujeitos (AMARANTE, 1996).

Portanto, a Reforma Psiquiátrica é um processo político e social complexo, mesclado de atores, instituições e forças de diferentes origens. É compreendida como um conjunto de transformações de práticas, saberes, valores culturais e sociais. É no cotidiano da vida das instituições, dos serviços e das relações interpessoais que o processo da Reforma Psiquiátrica avança, decorrente de impasses, tensões, conflitos e desafios (Ministério da Saúde, 2005), pois tratar o doente mental sempre foi sinal de exclusão e asilamento. Hoje, essa realidade ainda existe, porém de forma mais consciente e menos exclusiva. Por não se admitir a exclusão, conseqüentemente não se admite a diferença. Mas esta não pode ser negada, é necessário reconhecê-la e conviver com ela sem ter que excluir, conforme a grande aspiração da reforma psiquiátrica (GONÇALVES, 2001).

Além de promover um aperfeiçoamento técnico e institucional do tratamento em saúde mental, a reforma psiquiátrica tem efeitos positivos também do ponto de vista da cidadania brasileira. Movimentando-se no sentido contrário ao da redução das políticas sociais do Estado, ela aponta para a construção de uma sociedade mais inclusiva e para a recuperação do sentido público de nossas ações. Trata-se, enfim, de uma transformação generosa e radical de algumas das mais importantes instituições sociais de nosso tempo (TENÓRIO, 2002).

Dentre os serviços substitutivos que a lei da Reforma Psiquiátrica preconiza está o CAPS - Centro de Atenção Psicossocial, que surgiu frente à ineficácia que muitos hospitais psiquiátricos apresentavam ao cuidar dos indivíduos em sofrimento psíquico. É importante instrumento do SUS, protegendo e propiciando integração social às pessoas menos favorecidas e com dificuldades especiais em saúde mental. Nele deve imperar a proposta de um espaço de criatividade, de construção de vida, acolhimento e cuidado ao invés de excluir, medicalizar e disciplinar (ROCHA, 2005).

De acordo com o Ministério da Saúde, são funções dos CAPS: prestar atendimento clínico em regime de atenção diária, evitando as internações em hospitais psiquiátricos; acolher e atender as pessoas com transtornos mentais graves e persistentes, pro-

curando preservar e fortalecer os laços sociais do usuário em seu território; promover a inserção social das pessoas com transtornos mentais por meio de ações intersetoriais; regular a porta de entrada da rede de assistência em saúde mental na sua área de atuação; dar suporte a atenção à saúde mental na rede básica; organizar a rede de atenção às pessoas com transtornos mentais nos municípios; articular estrategicamente a rede e a política de saúde mental num determinado território; promover a reinserção social do indivíduo através do acesso ao trabalho, lazer, exercício dos direitos civis e fortalecimento dos laços familiares e comunitários (BRASIL, 2002).

A portaria que define e estabelece diretrizes para o funcionamento dos Centros de Atenção Psicossocial é a 336/2002, e ela categoriza esses serviços, que passam a ser por porte e clientela. Assim, a portaria explica que o CAPS III é um serviço de atenção psicossocial com capacidade operacional para atendimento em municípios com população acima de 200.000 habitantes, com as seguintes características: constituir-se em serviço ambulatorial de atenção contínua, durante 24 horas diariamente; responsabilizar-se, sob coordenação do gestor local, pela organização da demanda e da rede de cuidados em saúde mental no âmbito do seu território; possuir capacidade técnica para desempenhar o papel de regulador da porta de entrada da rede assistencial, definido na Norma Operacional de Assistência à Saúde (NOAS); coordenar as atividades de supervisão de unidades hospitalares psiquiátricas; supervisionar e capacitar as equipes de atenção básica, serviços e programas de saúde mental; realizar, e manter atualizado, o cadastramento dos pacientes que utilizam medicamentos essenciais para a área de saúde mental e medicamentos excepcionais e estar referenciado a um serviço de atendimento de urgência/emergência geral de sua região, que fará o suporte de atenção médica (BRASIL, 2002).

A mesma portaria supracitada explica que a assistência prestada ao paciente no CAPS III inclui as seguintes atividades: atendimento individual (medicamentoso, psicoterápico, orientação, entre outros); atendimento em grupos (psicoterapia, grupo operativo, atividades de suporte social, entre outras); atendimento em oficinas terapêuticas; visitas e atendimentos domiciliares; atendimento aos familiares; atividades comunitárias, enfocando a integração do doente mental na comunidade e sua inserção familiar e social; acolhimento noturno, nos feriados e finais de semana, com no máximo cinco leitos, para eventual repouso e/ou observação; os pacientes assistidos em um turno (04 horas) receberão uma refeição diária; os assistidos em dois turnos (08 horas) receberão duas refeições diárias, e os que permanecerem no serviço durante 24 horas contínuas receberão quatro refeições diárias; a permanência de um mesmo paciente no acolhimento noturno fica limitada a sete dias corridos ou dez dias intercalados em um período de trinta dias.

No que se refere aos Recursos Humanos, a portaria enumera que a equipe técnica mínima para atuação no CAPS III, para o atendimento de quarenta pacientes por turno, tendo como limite máximo 60 (sessenta) pacientes/dia, em regime intensivo, será composta por: dois médicos psiquiatras; um enfermeiro com formação em saúde mental; cinco profissionais de nível superior entre as seguintes categorias: psicólogo, assistente social, enfermeiro, terapeuta ocupacional, pedagogo ou outro profissional necessário ao projeto terapêutico; oito profissionais de nível médio: técnico e/ou auxiliar de enfermagem, técnico administrativo, técnico educacional e artesão.



Grupo de usuários reunidos no salão de oficinas do CAPS III
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010

Ainda, para o período de acolhimento noturno, em plantões corridos de 12 horas, a equipe deve ser composta por três técnicos/auxiliares de enfermagem, sob supervisão do enfermeiro do serviço e um profissional de nível médio da área de apoio. Já para as 12 horas diurnas, nos sábados, domingos e feriados, a equipe deve ser composta por um profissional de nível superior (dentre médico, enfermeiro, psicólogo, assistente social, terapeuta ocupacional, ou outro profissional de nível superior justificado pelo projeto terapêutico), três técnicos/auxiliares ou técnicos de enfermagem, sob supervi-

são do enfermeiro do serviço e um profissional de nível médio da área de apoio.

As oficinas terapêuticas que são desenvolvidas no CAPS devem estar coniventes aos objetivos da reforma psiquiátrica. Elas são referidas como espaços articulados à reinserção social e ao exercício da cidadania, também dizendo respeito ao campo social e político (CEDRAZ; DIMENSTEIN, 2005).

Poesia popular em prol da promoção da saúde

A literatura de cordel é uma fonte preciosa da história, que recolhe, registra e interpreta os fatos da vida real. Em todas as épocas os poetas cantaram os feitos notáveis dos povos, guardando nessa literatura um copioso manancial de informações históricas, que está sempre vivo e atuante pois tem a característica de acompanhar os fatos que acontecem a nível mundial, nacional ou local, traduzindo os acontecimentos através da poesia popular. A literatura de cordel é considerada um dos fenômenos dos mais singulares e relevantes da cultura do povo brasileiro, pela sua vitalidade, constância e abrangência temática (MELO, 1983).

Antes do surgimento do jornal e de outros veículos de informação, era a literatura de cordel quem realizava os trâmites informativos para a população. Desse modo, é uma literatura bastante difundida no Brasil, principalmente na região nordeste, sendo advinda de Portugal. O início da divulgação desse tipo de literatura deu-se, aproximadamente, entre os séculos XVI e XVII. Na Espanha é chamada de “pliegos sueltos” (significa folhas volantes, em português); na Argentina muitos denominam “hojas”, também podendo ser chamada de “corrido”, como também é o caso da Nicarágua, Peru e México; neste último, há também o “contrapunteo”, que é semelhante ao desafio ou peleja, no Brasil. Até os países latino-americanos desfrutaram da poesia popular, como é o caso da França, que classifica esse tipo de poesia como *littérature de colportage*. Mais próximo ao vocábulo brasileiro está Portugal, que nomeia as folhas soltas, ou mesmo literatura de cordel (BATISTA, 1977).

Antigamente esse tipo de literatura era caracterizado pelas marcas da oralidade, tendo em vista que era uma poesia cantada, acompanhada de uma viola, num som monótono difundido para todas as estrofes entoadas. Posteriormente, começou-se a deixar registrada a marca do cordel, então se começou o processo de impressão, que é barato e primitivo, sendo a história impressa num folheto, tendo em sua capa uma xilogravura (NEGRÃO, 1975).



Cordéis apresentados em expositor para venda
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2019

O cordel pode ser utilizado como instrumento educacional, através de sua ludicidade, pois propicia, por exemplo, a promoção e a educação em saúde, podendo ser divulgado e apresentado aos profissionais da saúde visando às ações de resgate e divulgação dessa literatura popular, possível de ser utilizado na prática educativa em saúde (MARTINS et al, 2011).

Ainda nessa vertente, pode-se citar a educação popular, que pode ser um eficaz instrumento para auxiliar na inclusão de novas práticas de saúde por profissionais da área, bem como nos serviços, pois esse tipo de educação valoriza o saber do outro, entendendo que o conhecimento, como um processo de construção coletiva, tem sido utilizado pelos serviços, visando a um novo entendimento das ações de saúde como ações educativas (ALBUQUERQUE; STOTZ, 2004). Para a implementação dessas possibilidades metodológicas no processo do cuidar e promover saúde, a literatura de cordel se encaixa com propriedade, pois consegue agir na sociedade, educando, transmitindo valores e tradições, impondo regras, inventando e reinventando suas histórias (CAVIGNAC, 2006).

O Ministério da Saúde destaca a literatura de cordel como uma estratégia de implementação da promoção da saúde, incentivando o apoio e fortalecimento de ações de promoção da saúde inovadoras utilizando diversas linguagens culturais, entre elas, a literatura de cordel. O SUS a tem empregado como mídia alternativa em campanhas de saúde pública, como “O dia em que o SUS visitou o cidadão” e “Conte pra gente, conte com a gente”, sobre a política nacional de humanização (Humaniza SUS) e sobre doenças e acidentes relacionados ao trabalho, respectivamente. Dessa maneira, a poesia popular é um recurso que tem características que possibilitam atrativos na comunicação, como a rima, o humor, o formato poético e sua perspectiva interdisciplinar, por isso, utilizá-la como recurso de promoção da saúde tem se mostrado satisfatório, apesar de não existir, ainda, muitos estudos acadêmicos sobre essa temática (LOPES, 2014).

A Arte na Saúde Mental

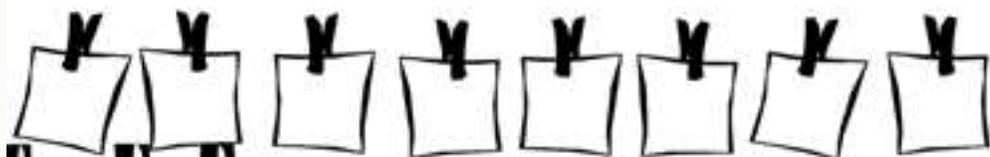
O trabalho da arte tem a função de inserção no mundo da coletividade, da rotura do isolamento, pela qual é caracterizada a vivência subjetiva contemporânea, não apenas para pacientes psiquiátricos, mas para todos os indivíduos (RAUTER, 2000).

Nesse sentido, quando se pensa no uso da arte como recurso terapêutico, vemos a potencialidade dela em suas diversas funções, como a de permitir que os doentes se ex-

pressem de forma livre e de modo criativo, além de possibilitar uma comunicação melhor entre paciente e profissional. Contudo, para essa finalidade, é necessário que o profissional perceba o paciente de uma maneira holística (biopsicossocial), tendo para ele um olhar mais humanizado e menos acadêmico. É imprescindível que existam profissionais capacitados para intervir com essas técnicas expressivas, com o objetivo de promover uma aproximação do indivíduo doente ao mundo social (NASCIMENTO, 2006).

Por isso, trabalhar com a arte de forma terapêutica não é proporcionar um mero entretenimento, mas sim uma forma de linguagem que permita à pessoa comunicar-se com os outros. Essa forma de trabalho contribui para o autoconhecimento, para a solução de conflitos emocionais e para um desenvolvimento humano harmonioso. No processo arteterapêutico, qualquer pessoa pode se beneficiar dela: crianças, adolescentes, adultos, idosos, podendo ser realizada de forma individual ou grupal, nos mais variados locais (VALLADARES, 2004).

Nessa perspectiva, as intervenções feitas durante as atividades de uso da arte como recurso terapêutico proporcionam um espaço de constante revitalização através de um processo integrador e autorreflexivo, no qual a literatura de cordel é uma ferramenta capaz de abrir espaço para que os usuários tenham a chance de se expressar e expor todos os pensamentos e sentimentos através dos versos, estimulando, desse modo, a criatividade de cada indivíduo.



CAPÍTULO III

MÃOS NO CORDEL – COMO TUDO ACONTECEU



**“À QUEM QUEIRA SABER
UMA REUNIÃO VAI TER
VENHA SEM PRESSA
PARTICIPAR DESSA
TITUBEAR VOCÊ VAI VER
SE VOCÊ PERDER
OUTRA TALVEZ NUNCA VÁ TER”.**

USUÁRIO F

Este capítulo trata do percurso metodológico que foi utilizado na pesquisa. Serão apresentados a classificação da abordagem metodológica, o cenário do estudo, a população e a amostra estudadas, os instrumentos utilizados para coleta dos dados e como os resultados foram tratados.

O bê-á-bá da pesquisa

Quanto à natureza dos dados e à finalidade da pesquisa, trata-se de uma pesquisa aplicada, visto que tem como característica o interesse na aplicação, utilização e consequências práticas dos conhecimentos (GIL, 1999; GIL, 2002), através da concretização das oficinas de literatura de cordel.

Quanto à abordagem do problema, é uma pesquisa qualitativa, pois, além de superar as tendências positivistas de processos avaliativos conduzidos pelos estudos quantitativos, tem a finalidade de compreender as experiências no seu todo. Richardson (1999) afirma que nesse tipo de pesquisa há uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos participantes, além de haver uma íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado.

Quanto aos objetivos da pesquisa, a mesma é classificada como exploratória e descritiva. A pesquisa exploratória tem a meta de promover uma maior familiaridade com o problema para torná-lo mais explícito. Esse tipo de pesquisa também prevê o aperfeiçoamento de ideias, desenvolvimento de novas propostas, dando subsídio para pesquisas posteriores sobre a temática trabalhada (GIL, 1999; GIL, 2002). A pesquisa também é descritiva, pois pretende, na implicação de seus objetivos, levantar opiniões, crenças e atitudes de uma população; nela, os pesquisadores estão preocupados com a atuação prática.

Onde tudo aconteceu: Cenário do estudo

A pesquisa se desenvolveu no município de Campina Grande, Paraíba. As oficinas de cordel foram realizadas no CAPS III – Centro de Atenção Psicossocial Reviver, que se localiza na Rua Paulo Afonso, 188, no bairro Centenário. Esse serviço funciona 24 horas, e, no período de realização da pesquisa, 700 usuários frequentavam o serviço. Dentre as atividades desenvolvidas pelo CAPS III, há atendimento psicoterápico individual, atendimentos médico, clínico e psiquiátrico, oficinas terapêuticas, oficinas de geração de renda, cuidados da equipe de enfermagem, orientações na área de Serviço Social, grupos de família, grupos de medicamentos, visitas domiciliares, reuniões e assembleias dos usuários.



Quem são os participantes da pesquisa

Para o desenvolvimento da pesquisa, a população do estudo foi composta pelos usuários cadastrados no CAPS III – Reviver, do município de Campina Grande.

Da mesma forma, para constituir a amostra foram selecionados os usuários que se encontravam no serviço nas datas estimadas para a realização das atividades e que obedeciam aos critérios de inclusão.

Os usuários que desfrutaram das oficinas de cordel encontravam-se na fase adulta, com faixa etária variada, e desejaram participar voluntariamente das oficinas, concordando com o que foi apresentado pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado por todos os participantes. A clientela foi mista, composta por homens e mulheres com diagnósticos psiquiátricos distintos.

Ainda, para garantir o anonimato dos participantes do estudo, os mesmos foram identificados por letras (ex.: usuário A, usuário B). Cada um, desde a primeira oficina, recebeu um crachá identificando sua letra, e foram todos informados de que seus nomes não seriam revelados. Esse foi um dos acordos firmados no “pacto de convivência”, que trouxe os argumentos expostos no TCLE.

Quem entrou e quem saiu da pesquisa

Como critérios de inclusão na pesquisa, os preceitos seguidos foram: ser usuário do CAPS III de Campina Grande, frequentando o serviço de forma regular; manter presença no período da realização das oficinas; estar estabilizado de sua patologia para poder ser inserido nas oficinas; aceitar participar, voluntariamente, do grupo do projeto, ao assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os critérios de exclusão foram: os que não desejaram participar da pesquisa e aqueles que não se adequaram aos critérios descritos na inclusão. Os que não se inseriram na pesquisa foram direcionados às outras atividades proporcionadas em paralelo no CAPS III, pela equipe multiprofissional do serviço.

Como os dados foram coletados

A coleta de dados foi feita no contexto da realização de oficinas de sensibilização, criatividade e expressividade, através da literatura de cordel, inspirada nas experiências de Silveira (2002) e Silveira et al (2004).

Indubitavelmente, a oficina é uma técnica criativa e sensível, segundo Cabral (1998), a qual privilegia a participação ativa na busca do conhecimento, valorizando tudo que emerge do pensamento e da percepção do sujeito, inclusive aquilo que aparentemente não tem relação imediata e direta com a pesquisa. Essa técnica surgiu das experiências e dinâmicas vivenciadas nos grupos de autoconsciência, oriundos do movimento feminista, desde a década de 70.

Assim, para a realização das oficinas, o principal instrumento para coleta de dados foram perguntas elaboradas a partir de questões norteadoras semiestruturadas, que foram utilizadas no transcorrer das oficinas de cordel a fim de coletar os discursos dos participantes no momento da sensibilização a partir das atividades oferecidas aos usuários. Minayo (1994) aponta que questionamentos semiestruturados abrangem per-

guntas previamente formuladas, mas que o informante também tem a autoridade de ser maleável nas perguntas, deixando os participantes à vontade para responder livremente aos questionamentos. A autora ainda completa afirmando que essa abordagem possibilita um diálogo intensamente desenvolvido entre pesquisador e informante.

Outro instrumento de fundamental importância para coleta de dados foi a utilização do diário de campo. Minayo (1994) explica que esse instrumento é como um “amigo silencioso” (grifo da autora), pois a ele é possível recorrer em qualquer momento da atividade, podendo-se colocar as percepções, angústias, questionamentos e outras informações impossíveis de serem obtidas por outras técnicas.

Anotações no diário de campo feitas por colaboradora

Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010





Convite para a participação nas oficinas de cordel
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010

Basicamente, o desenvolvimento das oficinas compreendeu os seguintes eventos articulados entre si e com os objetivos:

- Apresentação das coordenadoras;
- Apresentação dos participantes;
- Apresentação dos objetivos da pesquisa;
- Levantamento das expectativas dos participantes da oficina;
- Contrato com o grupo: horário, uso de celular, sigilo;
- Abordagem inicial da temática: atividades corporais;
- Dinâmica central para explorar o tema em evidência;
- Apresentação individual das produções;
- Debate mais amplo, articulando as vivências individuais com o processo coletivo;
- Síntese do que foi levantado;
- Avaliação.

Oficinas de CORDEL

CAPS III

DIA: Quinta-feira

HORA: 8:00h MANHÃ

14/10

21/10

28/10

Quem quiser vir para o CAPS
Para aprender a rimar
Bombar muitas histórias
E as suas também contar
É se sentir convidado
O dia está marcado
E o CAPS é o lugar

ANNE KAROLYNNE E CHIRLAINE CRISTINE

Cartaz com convite para participação nas oficinas
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010

O ponto de partida para realização das oficinas foi manter a coerência com os objetivos do projeto. Primeiramente, foram identificados e selecionados os usuários do serviço do CAPS alfabetizados e/ou participantes das oficinas de alfabetização oferecidas pelo CAPS, apesar de que dois usuários não-alfabetizados também se interessaram em participar das oficinas voluntariamente, sendo acolhidos para a amostra da pesquisa. Os usuários escolhidos participaram da oficina “Interação e movimento”, oferecida pelo técnico de enfermagem do CAPS III, e este permitiu que os usuários participantes de sua oficina e que foram selecionados fizessem parte do presente estudo.

Destreinando todas as oficinas

Sensibilização para as Oficinas



participação dos usuários no grupo “Interação e movimento”
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010

O primeiro encontro com os usuários do CAPS III se deu numa quinta-feira, dia em que o grupo “Interação e movimento” estava realizando suas atividades com o técnico de enfermagem que ministra a oficina – onde os usuários fazem alongamentos ao som de músicas, dançam vários estilos e conversam sobre temáticas diversas. É importante ressaltar que a participação da pesquisadora foi permitida previamente peloicineiro.

O grupo apresentou boa receptividade para com a pesquisadora, prestando atenção à proposta das oficinas de cordel que seriam realizadas posteriormente. Nessa ocasião, foi apresentado um cartaz com as datas e os horários das três oficinas de cordel que seriam realizadas nas dependências do CAPS III e, por fim, houve a declamação de uma estrofe de cordel convidando os usuários que pretendessem participar das referidas oficinas.



Oficineiro responsável pela oficina no horário proposto para a intervenção.
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010

Nesses momentos de sensibilização, foram sendo criados os primeiros vínculos entre a pesquisadora e os futuros participantes das oficinas. Dessa forma, alguns usuários foram manifestando interesse em participar. A pesquisadora levou embolada de coco para que os usuários fossem sentindo o clima regional que seria trabalhado, e eles se divertiram ao som dos repentes; também mostrou como se dançava o xaxado, aproveitando para divulgar a dança regional, em consonância com a oficina “Interação e movimento”.



Sensibilização para as oficinas de cordel
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010

Ao todo, foram três encontros de sensibilização, um a cada semana, todos muito proveitosos e essenciais para a divulgação das três oficinas que seriam realizadas semanalmente.



usuário dançando xaxado em momento de sensibilização

Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010

Ambiente para as oficinas

Para garantir um espaço para a realização das oficinas de literatura de cordel, foi delimitado o ambiente para esse fim, com o auxílio da enfermeira do local e com prévia autorização da direção do CAPS III. A sala foi escolhida por ser ampla, espaçosa, possibilitando o conforto dos participantes, e possibilitando a adequação da mesma para pôr as mesas e cadeiras, necessárias para a realização das oficinas de cordel.



Apoio da enfermeira da instituição
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010

Previamente a cada oficina, a sala foi preparada pelas pesquisadoras, contando com a participação de outros colaboradores. Assim, os cuidados realizados se iniciaram com a limpeza do ambiente e tiveram continuidade com a organização, como ornamentação com materiais regionais, montagem da árvore do cordel, exposição de painéis, cartazes e vários artefatos regionais, garantindo à sala um aspecto regional, para melhor acolhimento dos participantes.



Organização da sala para a oficina
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010

Primeira oficina de cordel

Na realização da primeira oficina de cordel, a sala estava ornamentada com chapéu de palha, de cangaceiro, cestas de feira, candeeiros, xilogravuras, carranca de proa, uma árvore de cordéis, artefatos de barro, entre outros atributos que remetiam à cultura nordestina. Assim que os usuários entraram, já começaram a identificar os itens da sala, comentando entre si sobre eles, afirmando que não sabiam que aquela oficina teria objetos.



Ornamentação da sala para a primeira oficina de cordel
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010

Primeiramente, houve uma apresentação das pesquisadoras e, em seguida, elas apresentaram a proposta de trabalho nas oficinas, mencionando os aspectos éticos relacionados à pesquisa. Os usuários concordaram em participar voluntariamente, assinando o TCLE e ficando com uma cópia do mesmo para si. Todos concordaram em ser fotografados durante as oficinas, bem como ter suas falas gravadas, sendo os mesmos identificados por letras (cada um recebeu um crachá com sua letra). Minayo (1994) afirma que fotografia e filmagens representam recursos de registro muito interessantes para recorrer, pois esse registro visual amplia o conhecimento do estudo, por proporcionar a documentação de momentos e/ou situações que ilustram o cotidiano vivenciado.



Entrevista de usuária na primeira oficina de cordel
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010



Explicação sobre estrutura da literatura de cordel
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010



Primeira oficina de cordel
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010



Preparação dos lanches para os participantes
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010



Auxílio individual a cada usuário participante da oficina
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010



Construção de vínculo: olho no olho, de igual pra igual
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010



Participantes atentos à primeira oficina de cordel
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010

Segunda oficina de cordel

Na realização da segunda oficina, a sala também foi ornamentada regionalmente, o lanche preparado numa mesa também ornamentada com artefatos regionais (como panela de barro, frutas esculpidas na madeira, peneira), foi afixada a “Memória do grupo”, em forma de mural, com os cordéis dos usuários, todos digitados e emoldurados, havendo também algumas fotos da primeira oficina intercaladas com os cordéis. Foi elaborada uma árvore dos cordéis, bastante colorida, ornamentada com folhetos. Ao final da oficina, cada usuário foi agraciado com um cordel que compunha a árvore.

Memória do grupo

Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010





Participantes identificam suas fotografias e suas poesias na memória do grupo
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010

Assim que os usuários adentraram a sala da oficina, depararam-se com a novidade de seus cordéis expostos na “Memória do grupo”, e com suas fotografias da última oficina também expostas. Todos saíram procurando seu cordel e fotos em que eles tivessem aparecido; os sorrisos em seus rostos denotavam satisfação em ver seus trabalhos reconhecidos.

No início da atividade, foi feito um resgate da última oficina, a fim de familiarizar os participantes com a proposta da atividade atual. A primeira pergunta norteadora foi: “Você falou sobre a oficina para alguém?”. Após os relatos coletados e devidamente gravados, passou-se para a próxima etapa da atividade.



Usuária observa com atenção a poesia exposta no painel
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010

A memória do grupo ganhou evidência, e o ensinamento passado pela acadêmica foi acerca da declamação de cordéis. Após apresentar a maneira de como os cordelistas declamam seus cordéis, pediu-se para que cada participante declamasse o seu.



Usuários declamam suas poesias
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010

Em seguida, foram organizadas as mesas, para falar sobre xilogravura, sobre os aspectos característicos do desenho. Assim, foram entregues papéis e lápis, para que os participantes pudessem escrever em forma de cordel, bem como desenhar posteriormente sobre o que aquela oficina representava para eles.

Os usuários foram informados de que na quinta-feira seguinte eles iriam apresentar publicamente no CAPS os cordéis produzidos na oficina. A oficina seria realizada no mesmo horário, porém a apresentação seria só depois do momento grupal; todos concordaram. No final, os convites foram entregues, e muitos pediram mais convites, pois gostariam de dar a mais pessoas. Antes de sair, todos foram convidados a visitar a árvore de cordel e escolher um folheto para levar de lembrança da segunda oficina de cordel. Os usuários ficaram muito contentes por levar a lembrança, afirmando que era um presente maravilhoso, e que iriam ler durante a semana.



Usuária se prepara para fazer sua apresentação ao grupo
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010



Participantes se divertem ao elaborar suas poesias
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010



Participantes se reúnem para uma foto coletiva
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010



Usuária chegou cedo ao serviço para aguardar a oficina
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010

Terceira oficina de cordel

A atividade ocorreu no espaço da sala preparado para a oficina. Desta vez, os usuários notaram que a árvore dos cordéis não estava recheada com as literaturas, como das últimas vezes. Na “Memória do grupo” também não havia os cordéis expostos. Isso porque as duas produções de cordel de cada usuário foram levadas impressas e enlaçadas com fita, tendo também como lembrança um chaveiro regional, com a imagem de Lampião e Maria Bonita, e os protagonistas não eram os cordelistas já conhecidos regionalmente, mas sim os próprios artistas do CAPS, que fizeram suas próprias produções na oficina de cordel.



Sala ornamentada aguardando os usuários
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010.



Pesquisadora-poetisa anuncia chegada da conclusão do projeto
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010.



Cartaz afixado na parede na última oficina
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010.

A sala também estava ornamentada com um cartaz com a frase “Foi muito bom estar com vocês”, e alguns usuários se emocionaram ao ler em voz alta a frase do cartaz.

A novidade que mais chamou a atenção dos usuários foi que a “Memória do grupo” estava repleta de fotografias, expostas de forma colorida, com as fotos de todos os encontros realizados nas oficinas de cordel, desde fotos da sensibilização até fotos da primeira e segunda oficina. Na mesa ornamentada, havia também uma foto maior exposta, com todos os participantes do grupo, e esta ficou para o acervo do CAPS.



Usuários acessam a “Memória do grupo”
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010.

Assim, quando os usuários foram chegando, cada um observando cada detalhe da sala, preparada com muito carinho, eram notáveis os sorrisos em seus rostos. Quando todos se sentaram, foi feito um resgate do projeto, das vivências. E iniciou-se a primeira pergunta norteadora: “O que as oficinas de cordel mudaram em sua vida?”



Usuários apreciam a ornamentação que foi montada para eles
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010.

Quando os usuários estavam terminando de responder, tiveram a surpresa de receber cinco convidadas que foram auxiliar na realização da oficina (fotografando, fazendo registros no diário de campo) e também prestigiá-la. A enfermeira do CAPS e também a coordenadora do curso de enfermagem da Faculdade de Ciências Médicas falaram sobre as mudanças percebidas; esses discursos abrilhantaram esses últimos momentos. A fala das convidadas incentivou o usuário A a realizar a leitura de algumas considerações sobre o trabalho desenvolvido, e uma usuária pediu permissão para cantar um música.



Participantes do projeto se confraternizam na última oficina
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010.



Usuárias na expectativa pelos próximos acontecimentos da oficina
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010.

A próxima etapa foi a entrega de envelopes regionais, que suscitaram a curiosidade nos participantes. Os mesmos deram várias hipóteses para o conteúdo dos envelopes. Ficaram surpresos ao abri-los e verem que dentro havia duas fotos individuais: uma em que o usuário encontrava-se produzindo um cordel (1ª oficina) e outra em que o mesmo estava declamando (2ª oficina). A ideia de ter uma fotografia como recordação partiu dos próprios usuários, pois muitos afirmaram que nunca tinham tido acesso a uma foto exclusiva, e essa foi uma forma de valorizá-los e dar uma lembrança das oficinas de cordel.



Usuária canta uma música durante a oficina
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010.

A entrega das lembranças incentivou uma usuária a também entregar uma lembrança que a mesma preparou para todos do grupo: sabonetes artesanais. A usuária P relatou que foi dormir de madrugada, mas queria levar um presente para todos, pois aquele grupo era muito especial para ela, tanto que ela “gostaria que continuasse sempre” - SIC.



Usuária presenteia todos os participantes com sabonetes feitos por ela mesma
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010.

Durante a realização do lanche, os usuários receberam a sugestão de cantar enquanto os outros lanchavam. Assim, vários usuários quiseram ir para o “palco dos artistas” entoar suas músicas (de cunho regional, internacionais, gospel, vaquejada, as mais diversas) sendo muitas de Luiz Gonzaga. Toda a plateia acompanhou cada música, cantando junto e batendo palmas. O ato de cantar está totalmente relacionado com a literatura de cordel, sendo o folheto chamado, inclusive, de escritura da voz, pois desde muito tempo havia composições orais que depois eram passadas para a escrita; até mesmo depois que o cordel ganhou embasamento na escrita, sempre se conservou a dimensão da voz, pois a voz dá a sonoridade, o ritmo e a vida à escrita do cordel (SANTOS, 2006).



Usuário canta durante o lanche
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010.

Foi um momento de valorização dos talentos e de muita interação entre todos. Os usuários realmente expressaram seus sentimentos de forma sensível e natural. Este momento foi extremamente gratificante pois, como afirma Basaglia (2005), a loucura assume tons, inflexões e gestos que não podem ser ligados a um mundo indistinto de necessidades sem a devida resposta obtida. Na verdade, as expressões são decifradas e interpretadas como sendo um conjunto de sinais dos quais se dá uma definição abstrata em que, aparentemente, não há uma explicação lógica, mas quem expõe os sentimentos não almeja interpretar estes, apenas senti-los.



Expressão de sentimentos e interação na terceira oficina
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010.

A oficina foi encerrada com a entrega dos cordéis dos usuários e chaveiros regionais. Em seguida, todos foram para o pátio de apresentações do CAPS, a fim de mostrarem ao público o trabalho desenvolvido nas três oficinas de cordel.



Usuários recebem lembranças da oficina. Uma delas exibe sua poesia, ao fundo
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010.

Apresentação pública de declamação de cordel

Após a realização da terceira oficina, os usuários foram preparados para a apresentação pública no pátio do CAPS, em ocasião do fechamento das atividades do trabalho proposto. Muitos usuários convidaram familiares e amigos, alguns não compareceram por estar trabalhando, mas outros fizeram questão de estar presentes. A plateia também foi composta por funcionários do CAPS, outros usuários, e convidados diversos.



Público reunido para assistir às apresentações dos usuários
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010.

A pesquisadora-poetisa deu a introdução, falando sobre o projeto desenvolvido e sobre a experiência exitosa obtida com os usuários do CAPS III. Em seguida, cada usuário foi sendo chamado para declamação de seu cordel ao microfone, e, ao passo em que eram chamados, a discente fazia uma consideração acerca do participante.



Público concentrado assistindo às apresentações
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010.



Usuária se apresenta para o grande público
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010.

Alguns usuários emocionaram-se no momento da declamação de seu cordel (chorando), outros ficaram um pouco inibidos, mas ao declamar seu cordel perderam a timidez. O usuário J, que nos momentos das oficinas sempre gaguejava, dava pausas na fala, repetia frases já ditas, impressionou a todos por sua destreza na declamação de cordel em público. Outra participante que arrancou ares de surpresa de todos foi o usuário H, pois os funcionários do CAPS III informaram que sequer tinham ouvido a voz deste, que não se interessava em participar de nenhuma oficina proposta pelo serviço, sempre ficando às margens e sem envolvimento algum. Todavia, ele permaneceu em todas as etapas da oficina e foi sem inibição ao microfone, falando para o público sobre o que tinha achado das oficinas de cordel, declamando (com apoio da pesquisadora, já que o participante era não alfabetizado) sua produção com alegria e destreza; ele realmente foi um dos destaques e uma das grandes conquistas do projeto. Cada usuário que se apresentava era calorosamente aplaudido pela plateia, que apreciava cada verso produzido com tanto carinho pelos participantes. Todo esse acolhimento corrobora com o que propõe Amarante (2007), quando afirma que a pessoa que tem um transtorno mental precisa ser ouvida adequadamente, sendo envolvida nos processos de solução de seus problemas. Os próprios serviços que acolhem esses indivíduos devem manter uma abordagem de atenção psicossocial numa estrutura flexível e sem burocracias.



usuária emociona todos com sua apresentação
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010.

Dessa maneira, considerando os preceitos éticos que envolvem a saúde mental, a pesquisadora-orientadora fez, na finalização, as últimas considerações, afirmando a importância do trabalho desenvolvido e a satisfação em participar do mesmo, parabenizando a todos os usuários que compareceram, assiduamente, a todas as oficinas. A coordenadora do curso de enfermagem da FCM - Faculdade de Ciências Médicas - também se fez presente e deixou suas considerações de apreço e estima pela saúde mental, emocionando a todos os presentes. Encerrando as apresentações, a pesquisadora-poetisa declamou estrofes de cordel de agradecimento ao CAPS, aos usuários e a todos os presentes. A experiência foi encantadora e satisfatória, demonstrando que os usuários são capazes de expressar seus sentimentos através da literatura de cordel, resgatando suas histórias de vida, e, acima de tudo, interagindo e se (re)socializando.

Participantes e público dançam forró no encerramento do projeto
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010.



Ética é o que não falta

O projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa do CESED – Centro de Ensino Superior e Desenvolvimento, que recebeu aprovação através da CAAE nº: 2445.0.000.405-10.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, foram adotados os princípios éticos dispostos na Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996), deixando os colaboradores esclarecidos e livres para participarem da pesquisa, estando cientes do objetivo e do direito de interromper sua participação no momento que lhes conviesse. Ainda, foram seguidas as observâncias que se referem à autonomia – liberdade dos participantes participarem ou não do estudo e a ponderação entre riscos e benefícios (não é reconhecida qualquer possibilidade de danos físicos, mental, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual em qualquer momento da pesquisa). Observâncias éticas foram seguidas, no que se refere à garantia à privacidade, ao anonimato e ao sigilo dos colaboradores (BRASIL, 1996). No que tange à pesquisa qualitativa, em específico, a privacidade e o anonimato dos depoimentos prestados foram garantidos, utilizando-se letras para designar cada informante que participou das oficinas de cordel.

Os usuários também ficaram cientes dos benefícios e malefícios da pesquisa, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assim como todas as demais informações éticas concernentes ao projeto que estão contidas neste termo, que foi assinado em duas vias, ficando uma na posse do participante.

Como os resultados foram analisados e apresentados

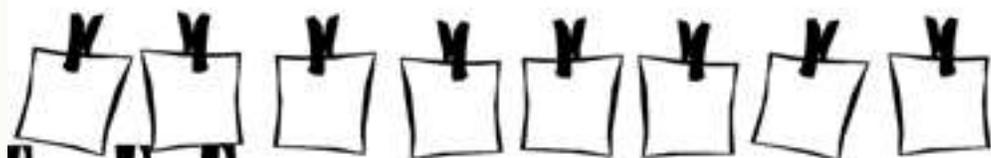
Foi realizada uma leitura individualizada das produções literárias (cordéis) dos usuários, buscando ter uma visão holística e específica acerca de cada produção. Além disso, ao término de cada oficina, foram coletados relatos dos usuários através de um gravador (MP5), e as falas dos mesmos foram transcritas. Gil (1999) expõe que o melhor método para garantir as respostas com precisão é registrá-las durante as oficinas com o uso do gravador e, se possível, anotar alguns aspectos e atitudes do participante que possuam alguma significação útil (isso foi realizado por meio do diário de campo). Canzonieri (2010) também concorda que, na fala, o homem expressa seus diferentes estados de ânimo, sua visão de mundo, e a linguagem é geradora de cenários que constituem o mundo social, estabelecendo relações. Por esse motivo, a gravação dos discursos dos participantes é necessária, para que a transcrição possa ser descrita na íntegra.

Dessa forma, os dados obtidos através da coleta de dados nas oficinas de cordel foram avaliados através da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). Essa autora afirma que o método pode ser entendido como um conjunto de técnicas de análise que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens. Assim, foram analisados os depoimentos colhidos no transcorrer das três oficinas de cordel, à luz da literatura concernente à temática estudada.

Para analisar as falas dos participantes, elas foram didaticamente categorizadas. Minayo (1994) explica que a palavra categoria se refere a um conceito que abrange elementos com características comuns, sendo empregados para estabelecer classificações. A mesma autora complementa dizendo que na pesquisa qualitativa esse tipo de procedimento pode ser utilizado, tendo em vista que trabalhar com as categorias significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger todos esses itens, e quando elas são formuladas a partir da coleta de dados, como é o caso da presente pesquisa, são mais específicas, bem como mais concretas.

Gravação da fala do participante durante oficina
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010.





CAPÍTULO IV

TENHO VOZ, VEZ E POESIA – COMO ME SENTI NAS OFICINAS DE CORDEL



“ESSA É UMA OFICINA MUITO BOA
PORQUE NÓS APRENDEMOS MUITO DA CULTURA NORDESTINA
APRENDEMOS QUE O CORDEL É FEITO POR POEMAS
É LITERATURA ROMÂNTICA E VERSOS”.

USUÁRIO J

O objetivo deste capítulo foi avaliar, de acordo com a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977), os discursos dos usuários participantes das oficinas de cordel, transcritos e categorizados conforme poderá ser observado no transcorrer das próximas seções.

Categorizações e análise do conteúdo

O QUE É CORDEL?

Inicialmente os usuários foram questionados acerca do conhecimento prévio sobre literatura de cordel. A partir do questionamento, emergiram três categorias: Algo desconhecido; Algo que remete à infância; Algo bastante antigo.

Categoria I: Algo desconhecido

Apesar de a literatura de cordel ter muita riqueza em seus versos, suas imagens, e trazer em seu conteúdo revelações do modo de ser de um povo, seu processo de descoberta e valorização é bastante lento. Durante séculos o cordel esteve às margens da literatura, estando ausente dos grandes compêndios de história da literatura brasileira (ALVES, 2008).

Muitas pessoas ainda desconhecem literatura tão bela, como o usuário abaixo:

“Eu quero falar que eu tô com friozinho aqui na barriga... Porque uma pessoa quando vai apresentar um negócio que ela não sabe, sempre dá um friozinho na barriga, né? Eu não sei rimar... eu sei que eu não presto, sabe? Porque, se a pessoa, sabe, bem, se não sabe, deixa de lado... Tem que a pessoa ensinar primeiro pra depois a gente saber... Porque ninguém aqui nasceu sabendo, não... quero aprender, viu...” Usuário J

O usuário J sentiu um pouco de dificuldade para expressar a definição de cordel para ele, por se tratar de algo de que ele não tem conhecimento. Ressalta que não sabe rimar e, para que consiga isso, é necessário que alguém o ensine, e é algo que ele deseja aprender nas oficinas. Foi observado que o usuário apresenta dificuldade em elaborar e falar uma frase completa, sendo os períodos quebrados por vícios de linguagem, como ‘é’ e ‘né’, bem como algumas pausas. É perceptível sua dificuldade de falar em público, entretanto, é notável o desejo pelo aprendizado, o que tem bastante relevância para a continuação do mesmo nas oficinas, tendo em vista que o desejo é o que impulsiona o



indivíduo na realização de suas atividades.

Usuário se expressa durante oficina de cordel

Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010.

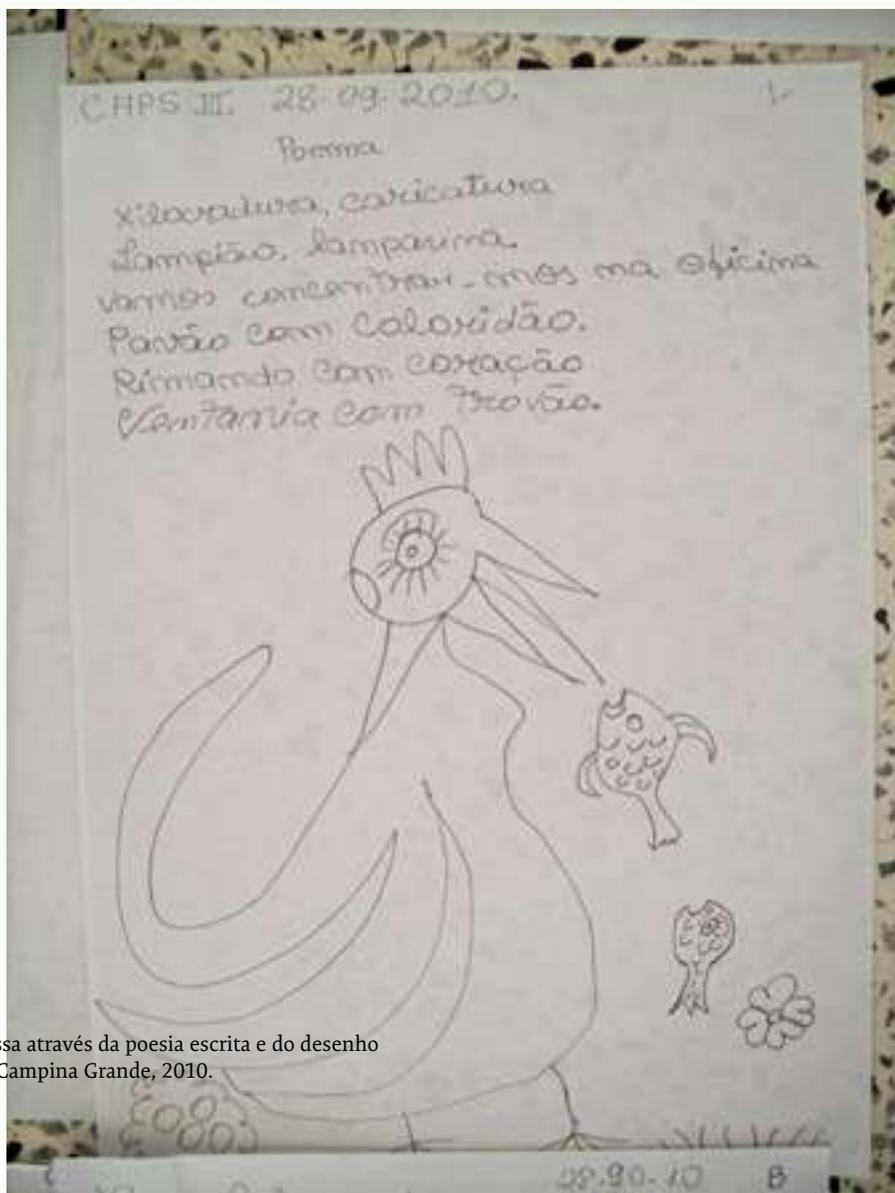
Categoria II: Algo que remete à infância

Alves (2008) remete a literatura de cordel a passagens de sua infância, em que o mesmo memorizava estrofes que ouvia e decorava. O autor denomina o sentimento arrolado a essa lembrança de alegria. Relação parecida com essa faz o usuário G, quando afirma:

“Eu era uma menina da fazenda, da roça também. Era não, eu sou, eu sou roceira... Meu tio, ele era um homem de Deus, mas ele tinha um caladiço, que quando ele se calava passava um ano sem falar, mas quando eu chegava lá tomava a benção “Benção, tio, tem cordão... tem folheto aí, tio?” aí ele dizia “Tem, vá escolher”. Aí aquilo era minha diversão na roça, porque eu não tinha boneca, eu não tinha nada, eu fiquei sem mãe com seis anos de idade, eu vi minha mãe morta e isso não é brincadeira pra uma criança não. Era minha brincadeira. Eu lia todinho, pegava meu tio, que tinha uma caixa deste tamanho, cheinha, e tem a história do Pavão Misterioso, que é assim: O Pavão Misterioso/Levantou, voou da graça/Com um rapaz corajoso/Que foi raptar uma condessa)Pra tirar do conde orgulhoso.” Usuária G

A usuária G aborda ter sido criada na roça e fala sobre o incentivo de seu tio à leitura do cordel, além de enfatizar o cordel como sendo seu divertimento. Envolvida nas lembranças, a mesma entoava um refrão do cordel “O Romance do Pavão Misterioso”

Através das observações delineadas no diário de campo, percebeu-se a satisfação dessa usuária em recitar seus versos, envolvida em suas lembranças mais íntimas e que refletiram sua felicidade; além disso, foi um momento não só de interatividade com os demais – tendo em vista que outros usuários conheciam o romance referido – como também um momento de lembranças coletivas e, dada a situação, todos aplaudiram com afinco a apresentação sentimental da referida usuária.



Participante se expressa através da poesia escrita e do desenho
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010.

Categoria III: Algo bastante antigo

A arte de contar histórias é uma prática bastante antiga e que ainda hoje é ativamente encontrada na esfera familiar de algumas comunidades (TREZZA; SANTOS; SANTOS, 2007). O cordel é tão antigo quanto, e assim explicita o usuário F:

“Bom, o que eu sei sobre o cordel é que a história do cordel é muito, muito antiga. Começou há muitos anos, sabe? O que eu sei é que é a coisa mais antiga do mundo. Era usado no tempo da ditadura militar, como uma espécie de jornal, era mais pra informar o povo. Depois de um tempo, o nordestino colocou isso na sua cultura, tanto como o aboio, o laço, e qualquer outros objetos que o nordestino tem. Mas têm poucos nordestinos que têm orgulho de dizer: “Eu sou nordestino, com orgulho”. Não têm orgulho do sangue nordestino que corre nas veias, muitos negam sua cultura nordestina. O mais principal do nordeste que eu me lembro, desde que eu era guri, era a velha boa buodega, é um patrimônio nacional, esse é que é o bonde dos trens que passavam no chão, chega dava pra ouvir o bicho, parece... ele pesa como se fosse uma tonelada de ferro, quando ele se arrasta é um som bem alto. Também o que eu me lembro são os casarões antigos, da época do algodão, bem velho. Mas o que eu mais lembro mesmo é um peão laçando gado, é o que eu mais gosto de ver, é a coisa mais antiga. Um peão laçando gado é bonito demais, com aquelas botas grandes que ele usa, e o jeito que ele lapeia o gado com o laço pra derrubar.” Usuário F

O usuário F não sabe escrever, tendo a pesquisadora que redigir suas palavras. Entretanto, devido ao participante ter um profundo interesse em participar das oficinas de cordel, foi incluído no grupo. Apesar de sua restrição ortográfica, ele demonstrou muita sabedoria acerca do cordel, mostrando que a cultura popular está muito bem guardada em sua memória, e já fincou raízes tão profundas, que nenhuma intempérie seria capaz de arrancá-las. Assim, o usuário enfatizou que o cordel é uma cultura muito antiga, talvez até a mais antiga do mundo, tamanha sua longinquidade. Dada essa explicação sobre o cordel, o usuário complementa que gosta das coisas antigas e aborda muitos costumes, objetos e vivências do povo sertanejo, inclusive fazendo uma crítica aos nordestinos, dizendo que muitos não têm orgulho de sua cultura, muitas vezes negando-a.

E, de fato, como afirma Curran (2003), a literatura de cordel é uma poesia folclórica que tem suas raízes no Nordeste do Brasil, consistindo em longos poemas narrativos que falam de amores, sofrimentos e até mesmo aventuras, num discurso heroico de ficção.



Cordel Usuária é entrevistada e, ao fundo, a sala apresenta a “árvore dos cordéis”, com folhetos pendurados em barbantes
Fonte: Pesquisadora, Campiã Grande, 2010.

VOCÊ TEVE ALGUMA DIFICULDADE NAS OFICINAS?

A partir do questionamento sobre quais as principais dificuldades durante a realização das oficinas de produção de cordel, foram encontradas três categorias: **Não saber escrever**; **Não conhecer o cordel**; **Não saber falar direito**.

Categoria I: Não saber escrever

Foi observado que alguns participantes não sabiam escrever, porém queriam muito participar da oficina. Isso pode ser observado no discurso do usuário H:

“Não sei escrever, mas queria participar da oficina, eu posso falar e você copiar?” Usuário H

Notou-se a princípio que o usuário não conseguia expressar bem suas ideias, tampouco associar os conceitos de estrutura de cordel e rima. Sendo o mesmo não alfabetizado, demonstrou várias vezes desorientação no curso do pensamento. Também foi observado que o usuário chamava a acadêmica de enfermagem de “Cordel” e demonstrava carinho, dando abraços e beijos, conforme relatado no diário de campo.

No entanto, é interessante destacar que o mesmo usuário solicitou que no verso da folha fosse escrito seu nome, e fez quatro linhas, dizendo que nelas era para escrever o cordel. Percebe-se, então, que, apesar de ele não ter noções de escrita, tem a percepção de que há a necessidade de traçar as linhas para poder escrever o cordel. Isso representa também que o participante prestou atenção às orientações sobre como elaborar um cordel, pois há a necessidade do delineamento das linhas para poder escrever os versos. Esse é um fato que merece notoriedade, tendo em vista que, segundo relatos de profissionais do CAPS III, o usuário apresentava bastante dispersão em outras oficinas ministradas no serviço, bem como se apresentava introspectivo, chegando a um ponto tal que os profissionais sequer conseguiam ouvir sua voz.

Nessa categoria, outros usuários também demonstraram a mesma dificuldade, inclusive expressando esta através dos versos de cordel, como pode ser observado na estrofe que se segue:

“Apesar que eu não sei / Escrever muito/ Mas também não sou analfabeto
Na leitura não sou tão experiente / Não sei escrever repente
Mas escrevo alguma palavra / Que pareça e represente
Não sei fazer poesia / Apesar que estudei / De noite e de dia.” Usuário D

Verifica-se que, apesar de o usuário afirmar seguramente que não tem prática em escrever cordel, tampouco em escrever qualquer tipo de texto, o mesmo surpreende o leitor através de suas rimas bem elaboradas e contextualizadas, demonstrando que sua fala é paradoxal, visto que ele realmente aprendeu a escrever cordel tal qual foi ensinado nas oficinas.



Usuários fazem suas produções de cordel
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010.

Categoria II: Não conhecer o cordel

O usuário H não sabia responder ao certo se já conhecia algo sobre o cordel. Apresentava confusão mental ao ser questionado, bem como dificuldade em articular suas palavras para responder. Também demonstrava timidez ao se pronunciar publicamente, frente aos outros participantes e preceptoras.

“Vou falar o que de cordel? É... eu...ê...eu.. Ahh... eu não sei de nada. (risos)” Usuário H

Sobre essa questão de o participante responder de forma incompleta ou obscura, respondendo com “não sei”, por exemplo, Gil (1999) explica que esse fato pode decorrer de o participante não se dispor a pensar. Assim, o pesquisador pode estimulá-lo à resposta mais precisa, porém com a devida neutralidade, sem direcioná-lo a uma resposta. Nesse caso, essa técnica foi utilizada, tendo em vista que o usuário H apresentou uma grande

dificuldade em expor sua opinião a partir do lançamento da pergunta, demonstrando que realmente não apresentava conhecimento prévio acerca da literatura de cordel.

Levando em consideração as discussões acerca dessa temática, outro usuário manifestou o receio de não conhecer o tipo de literatura a ser trabalhada.

“Eu não sei fazer essas emboladas nem esses cocos, eu acho muito bonito, né? É uma vocação que a pessoa tem, né? De cada um cantar esses cocos, essas emboladas fazer esses versos, mas eu não tenho essas habilidades, mas admiro muito. Eu gosto de ler cordel, eu acho bonito, só não sei a prática, de fazer esses cordel. Eu queria aprender, mas é difícil.” Usuário E.

Contudo, o usuário, no transcorrer das oficinas de cordel, foi se familiarizando com o tipo de literatura e conseguiu superar seus receios antes retratados. Isso pode ser comprovado através de um dos cordéis elaborados pelo usuário, em uma das oficinas:

“Eu tenho uma filha que mora em Salvador/ Jornalista rima
com Radialista
Salvador rima com Doutor / O amor não tem idade
Para o amor rima flor /Uma viagem é um passeio / O amor
de grande valor.” Usuário E

Santos (2006) fala sobre riqueza da cultura popular brasileira, destacando suas características e especificidades, afirmando que esta vem cada vez mais se disseminando e a cada dia novos cordelistas estão surgindo, por encontrar, nessa literatura, muita facilidade e naturalidade.

Para a saúde mental isso é muito bom, pois, devido ao cordel ser uma literatura acessível e de fácil entendimento, pessoas como o usuário E, que antes afirmava não saber sobre o cordel, apresentou muita destreza com as palavras, após a métrica e a estrutura serem ensinadas ao mesmo. Dessa forma, nota-se a satisfação do usuário ao aprender e pôr em prática o ensinamento literário. Maior ainda é a alegria do mesmo, e isso é algo que se repete para os outros usuários, ao declamarem suas produções para as pessoas, expondo a poesia popular que surgiu de um momento de interação e sensibilização.



Participantes interagem durante oficina
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010.

O QUE ESSA OFICINA REPRESENTOU PARA VOCÊ?

A partir do questionamento sobre o que representou a oficina para os usuários, cinco categorias foram percebidas: A oportunidade de voltar a estudar; Uma maior interação com os usuários; Um momento de lazer; Oportunidade de trabalhar a mente e Oportunidade de aprender cordel.

Categoria I: A oportunidade de voltar a estudar

A partir do discurso da usuária P, percebe-se a grande satisfação que ela apresentou ao relembrar sua época de estudos escolares a partir das oficinas de cordel. Essa foi uma oportunidade de ela voltar a estudar, visto que ela havia parado devido à sua patologia psíquica.

“Eu tô aqui com maior prazer, tô me sentindo muito bem, se pudesse todo dia ter era melhor ainda pra mim, que eu tô adorando, que eu gosto de ler, gosto de escrever e contei pra minha família e todo mundo tá dando apoio e tão gostando, e eu disse: - Eu tô gostando dessa aula mais do que do fuxico. E o meu prazer era que tivesse a continuação direto que eu to adorando né, que eu gosto muito de ler e escrever, eu gosto muito, muito mesmo... me achei... muito bonita a minha frase, muito, muito mesmo, adorei . Eu me senti tão orgulhosa, bem famosa e bem orgulhosa, graças a Deus ... eu queria prosseguir meus estudos, mas aí depois que eu tive essa depressão... eu sou muito ansiosa pra fazer meus trabalhos, eu ficava de manhã, de tarde e de noite direto, eu peguei a depressão por causa disso... eu queria terminar meus estudos, mas num tava conseguindo, né? Tava um pouco triste, foi quando apareceu essa oportunidade, aí pra mim foi mesmo que Deus mandou pra mim, que era mais o que eu queria.” Usuária P

Produção dos usuários durante oficina

Produção dos usuários durante oficina
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010.



Diante desse relato, fica claro que a literatura de cordel é passível de ser aplicada na vida estudantil, sendo utilizada como estratégia de ensino, pois é algo envolvente, e que inclui crianças e jovens, proporcionando e estimulando o prazer e o interesse pela leitura e, com isso, o hábito de ler (PAGLIUCA et al, 2007).

Categoria II: Uma maior interação com os usuários

O cordel oportuniza um momento de interatividade entre pessoas que compartilham desse estilo literário. O processo de comunicação é constituído de um instrumento básico da experiência entre as pessoas e a sociedade, e também é uma necessidade essencial para a existência da humanidade, e o cordel é importante ferramenta de comunicação (PAGLIUCA et al, 2007). Como pode ser percebido, o usuário I concorda com a autora referenciada:

“Uma compartilha de momentos com assuntos em que podemos se dizer parte.

É um conhecimento mostrado e que temos as nossas oportunidades sendo uma parte. Cada pessoa tem a sua maneira e não são todos... vemos que nem tudo é totalmente semelhante e são mais uma parte.” Usuário I

O usuário fragmenta o grupo, afirmando que cada um é uma parte de um mesmo contexto e, apesar das diferenças que há entre as interpretações e o que cada um escreve, já que eles têm a autonomia para traçar seus próprios poemas, todos estão num mesmo ambiente, compartilhando o mesmo momento e, acima de tudo, interagindo uns com os outros.

Categoria III: Um momento de lazer

As oficinas também proporcionaram momentos de lazer. Para emergir os versos do cordel não apenas na teoria, mas também na prática da declamação, a pesquisadora declamou um cordel que retratava o amor de Lampião e Maria Bonita. A partir da história contada, levantou-se a questão acerca do conhecimento dos usuários sobre a temática, e muitos remeteram a personagens históricos e regionais, retratando acerca de sua maneira de ser, o que pode ser visto no trecho abaixo:

“Eu sei de uma história que disse que uma vez Lampião foi comprar uns calçado pra os cangaceiro dele, aí teve um cangaceiro que ele perguntou o número: - Qual é seu número? Aí ele disse: - 42. Aí ele trouxe uma 38, aí quando chegou [risos de uma usuária] ele foi calçar a bota e disse: - Num dá não, seu Lampião, aí ele disse: - Corta os dedos. Aí ele empurrou o pé e disse: - Já deu.” Usuário D

O usuário contou um episódio da vida de Lampião, afirmando sobre sua grosseria no trato com seus capangas, o que causou curiosidade nos participantes, que prestaram bastante atenção, e deram muitas risadas, demonstrando que todos se divertiram com o desfecho. Esse fato incentivou outros participantes a também contarem as histórias que conheciam desses personagens, que são considerados os mitos do sertão.

Categoria IV: Oportunidade de trabalhar a mente

O cordel apresenta-se como uma forma de trazer para o consciente resgates do passado, causando-lhe um prazer. Curran (2000) relata a importância de suscitar o prazer na realização de uma atividade; e este pode ser observado no discurso:

“Eu achei importante tá divulgado, ver as foto da gente, as coisa que fizemos e assim vamos desenvolvendo um pouco a mente também... falei pra psicóloga que a gente tava participando da oficina de cordel... mudou que pelo menos relembrou o passado, que eu falei que eu trabalhei na roça e desde os onze anos e hoje em dia eu tô na cidade...foi bom lembrar... lembrar o que a gente passou na roça, embora que foi um sofrimentozinho, que a gente estudava, trabalhava e estudava e era distante a escola e a trilha de caminho de fazenda pra fazenda. Era distante a escola...” Usuário C

O usuário C não apenas expressou através das palavras escritas, como também na oralidade. A partir do momento em que ele relembrou fatos de sua vida e compartilhou estes com o grupo da oficina, ele estava resgatando sua própria história e dando um significado a ela, considerando tão importante ao ponto de emergir esses pensamentos mais íntimos.

Categoria V: Oportunidade de aprender cordel

O cordel representa um método de divulgação caracterizado pelo amplo acesso às comunidades, principalmente no Nordeste brasileiro. Por isso, quanto mais exatas forem suas mensagens mais seguro será o aprendizado. O usuário M enfatiza a importância que o aprendizado acerca da literatura de cordel representou em sua vida:

“Eu gostei muito quando Anne chegou e disse que ia falar um pouco sobre cordel, nos ensinou muito, aprendi muito e eu tinha muita vontade de aprender sobre cordel e hoje quando cheguei que vi esse mural aí lindo com nossas mensagens né e as fotos lindas... achei cada foto maravilhosa e principalmente os poemas, falei pra minha filha porque ela já tinha sido Maria Bonita... Falei sobre as poesias..., falei pro meu pai sobre que ele canta na hora do almoço, umas musiquinhas, cria lá umas musiquinhas pra a gente e as meninas... pra as minhas sobrinhas eu disse também... elas gostam muito de cordel!” Usuário M

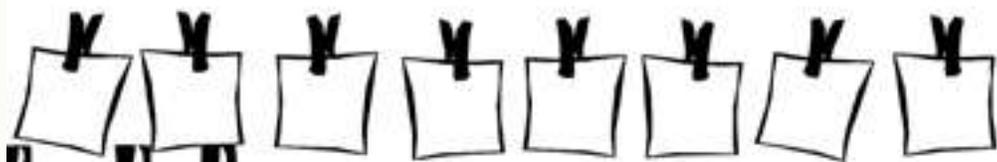
Além da oportunidade de ele aprender, também pôde divulgar para muitas pessoas. O pai deste usuário é cordelista, e ele tinha muita vontade de aprender sobre a literatura, porque via o pai declamando. Esta foi a oportunidade que ele teve de aprender. Inclusive o mesmo relatou que agora iria competir com o pai.

Participantes concentrados na produção de suas poesias
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010.





Com palavras ou desenhos, usuários expressam seus sentimentos
Fonte: Pesquisadora, Campina Grande, 2010.



CAPÍTULO V

UM FIM QUE NÃO PARA POR AQUI



“AMOR TÃO PURO QUE
SURTIU COMO UM ENCANTO
HOJE JÁ NÃO SEI O QUANTO
É SINCERA ESTA PAIXÃO”.

USUÁRIO L

Quantas vivências, quantas histórias, quantas emoções, quantas palavras, quanta escuta, quantas trocas, quanta poesia! As oficinas de literatura de cordel que foram oferecidas aos usuários do CAPS III de Campina Grande foram palco de momentos que certamente não serão esquecidos pelos participantes, tampouco pelas pesquisadoras, e agora serão eternizadas através desta obra que resgata tamanha sensibilidade.

Através de todo o processo de construção das oficinas no CAPS, foi possível estimular a autonomia dos participantes, tendo em vista que eles mesmos produziram suas estrofes de cordel, expressando seus sentimentos e lembranças; também tiveram a oportunidade de cantar as músicas que lhes inspiravam no momento da realização das oficinas e, além disso, tiveram a oportunidade de expressar suas ideias, compartilhar conhecimentos e acontecimentos de suas vidas.

Antes de as oficinas de cordel acontecerem, muitos usuários relataram não ter conhecimento técnico acerca dessa literatura, no que se refere à estruturação, métrica e história da mesma. Contudo, foi de comum acordo o fato de os usuários já terem escutado ou lido algum folheto, afirmando que esse tipo de literatura é muito antigo e remetendo, muitas vezes, a lembranças de sua infância, ou de familiares que tinham algum envolvimento com o cordel, mostrando as raízes culturais a que estão ligados. Os usuários sentiram muito prazer e satisfação em falar de suas experiências, com expressões que sequer poderiam ser descritas por palavras, mas a energia construída no momento das falas era algo muito singular, de uma positividade e empolgação que contagiava todo o ambiente.

Durante as oficinas, alguns usuários encontraram algumas dificuldades, como não saberem escrever, não conhecerem o cordel ou até mesmo não saberem falar direito. Porém, nenhum desses “obstáculos” implicou em segregação ou exclusão dos usuários na oficina, não impediu de forma alguma a sua participação. Quando não se tem conhecimento, há como obtê-lo, e vontade os participantes tiveram; é tanto que, de fato, aprenderam e socializaram os aprendizados não apenas entre si, mas também exportaram esses conhecimentos e vivências para fora dos muros do CAPS, compartilhando com seus familiares; muitos parentes e amigos dos participantes vieram assistir à apresentação pública deles, que foi realizada no serviço. Até mesmo aqueles que não sabiam escrever souberam se expressar através das palavras e utilizar a rima na composição de suas estrofes, fazendo apresentações belíssimas através da declamação – sim, eles memorizaram seus versos!

Cada usuário trouxe sua contribuição para a construção do conhecimento nas oficinas: seja com uma estrofe declamada, um relato de experiência, o compartilhar de uma história e até mesmo na musicalidade expressa através das palavras.

A cada oficina realizada os usuários apresentavam-se mais entrosados, dialogando entre si, auxiliando uns aos outros a encontrar rimas, a estruturar seu cordel. Foi notável o respeito que um teve pelo outro ao ouvir cada declamação, e o júbilo ao expor sua produção literária para os colegas e serem ouvidos com atenção.

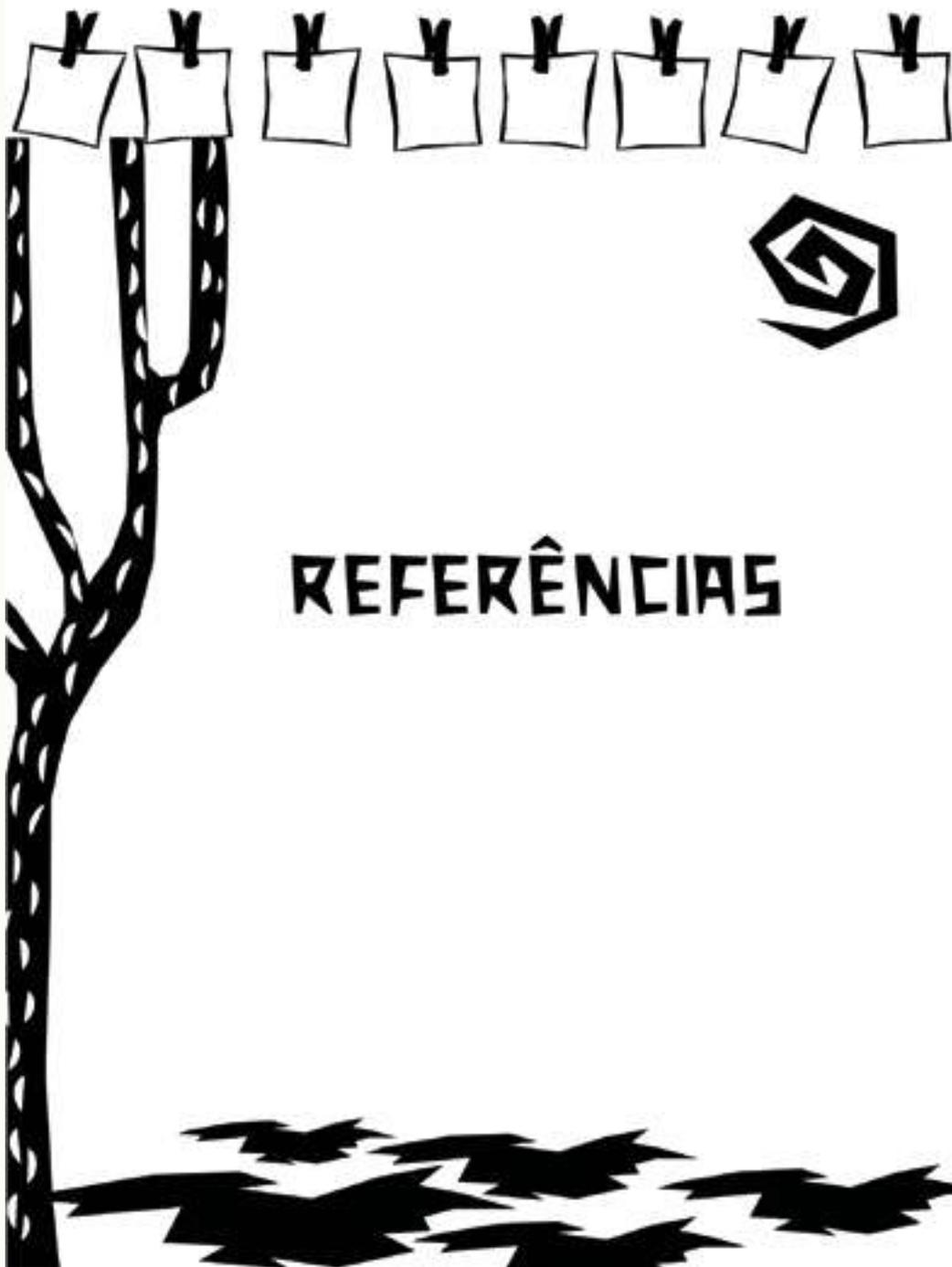
Na oportunidade da apresentação pública que ocorreu no CAPS III, na conclusão do projeto, era notória a desinibição de muitos usuários ao declamarem suas estrofes no microfone, bem como o apreço do público que assistia, com entusiasmo e emoção, às apresentações.

As oficinas de cordel trouxeram vários benefícios para os usuários participantes, e os mais relevantes foram a oportunidade de voltar a estudar, maior interatividade com os demais usuários, usufruto de momento de lazer, e oportunidade de trabalhar a mente e de aprender sobre a literatura de cordel; eles mesmos relataram todos esses benefícios conquistados.

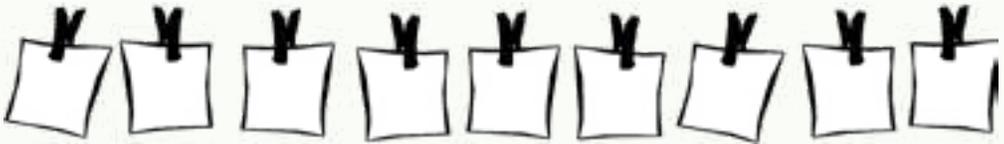
A espontaneidade dos usuários ao participar das oficinas, expor seus sentimentos, interagir de forma tão verdadeira e envolvida com aqueles momentos foram detalhes que apenas confirmaram que trabalhar em saúde mental é algo gratificante e que vale a pena o investimento pessoal para a realização de um trabalho como este. Cada usuário é singular, tem uma história de vida, muitas vezes repleta de preconceito, estigmas, vivenciados dentro de suas próprias famílias, como pôde ser constatado através deste estudo; mas, apesar do sofrer que acompanha a vida de muitos, há muito mais potencialidade, energia de vida, conteúdo guardado que, quando estimulado, vem à tona para construir novas reflexões e trocas.

Trabalhar com a poesia popular na saúde mental trouxe excelentes resultados, mostrando que o resgate da cultura, com a expressão dos sentimentos através da poesia, com respeito, humanização e arte, é uma proposta palpável e que pode ser aplicada com tranquilidade. Que esta experiência possa ser repetida em outros espaços, com outras pessoas, outros profissionais e pesquisadores, e que os resultados sejam tão gratificantes como foi trabalhar com a literatura de cordel no CAPS III de Campina Grande.





REFERÊNCIAS



ALBUQUERQUE, Paulette Cavalcanti de; STOTZ, Eduardo Navarro. A educação popular na atenção básica à saúde no município: em busca da integralidade. **Interface Comunic.**, Saúde, Educ., v. 8, n. 15, p.259-74, mar./ago. 2004

ALVES, José Hélder Pinheiro. Tesouros da poesia popular para crianças e jovens. **Boitatá**. Londrina, n. 5, jan./jul. 2008.

AMARANTE, Paulo. **O homem e a serpente**: outras histórias para a loucura e a psiquiatria. 20 ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996. 142 p.

_____. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. 1 ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013. 233 p.

BASAGLIA, Franco. **Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BATISTA, Sebastião Nunes. **Antologia da literatura de cordel**. Natal: Fundação José Augusto, 1977. 390 p.

BARDIN, Loureno. **Análise de conteúdo**. ed. rev. e atual. Portugal, 1977.

BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução nº 196/96 de 10 de outubro de 1996. **Pesquisa envolvendo seres humanos**. In: Informe epidemiológico do SUS – Suplemento 3, p.278 – 291. Brasília: Fundação Nacional de Saúde, 1996. p.278-291.

_____. **Portaria n.º 336/GM**, de 19 de fevereiro de 2002. Define e estabelece diretrizes para o funcionamento dos Centros de Atenção Psicossocial.

_____. Ministério da Saúde. **Reforma Psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil**. Brasília, nov. 2005.

CANZONIERI, Ana Maria. **Metodologia da pesquisa qualitativa na saúde**. 1 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

CARVALHO, Marcelo da Rocha. Terapia cognitivo-comportamental através da Arteterapia. **Revista de Psiquiatria Clínica**. São Paulo, v. 28, n. 6, 2001. Disponível

CAVIGNAC, Julie. **A literatura de cordel no nordeste do Brasil**: da história escrita ao relato oral. Natal: Ed. da UFRN, 2006, 363 p.

CEDRAZ, Ariadne; DIMENSTEIN, Magda. Oficinas terapêuticas no cenário da Reforma Psiquiátrica: modalidades desinstitucionalizantes ou não? **Rev. Mal-Estar Subj**. v. 5, n. 2, p. 300-327, 2005.

COSCRATO, Gisele; BUENO, Sonia Maria Villela. A luz da arte nos Centros de Atenção Psicossocial:

interface com o cuidado. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**. V.1, n.2, out./dez. 2009, p.142-149.

FILHO, Wilson Seraine da Silva; SANTOS, Renato P. dos. **O uso da literatura de cordel como texto auxiliar no ensino das ciências no ensino fundamental**. Dissertação de mestrado. Ensino de Ciência e Matemática. ULBRA. Canoas, 2008.

FILHO, Levy Vargas. **A Arteterapia como facilitadora do processo de individuação**. 2007. 95f. Graduação (Especialista em Arteterapia) – ISEPE. Rio de Janeiro, 2007.

GALVAN, Alda Luiza. **Grupoterapia – da teoria à realidade**. 2 ed. São Paulo: Respel, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Alda Martins; SENA, Roseni Rosângela de. A reforma psiquiátrica no Brasil: contextualização e reflexos sobre o cuidado com o doente mental na família. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v.9, n.2, Ribeirão Preto, mar./abr. 2001.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/PB.pdf>> Acesso em: 17 mar. 2010.

LOPES, Izabel Cristina Paulo Silva. **A literatura de cordel como estratégia para promoção da saúde**. Trabalho de conclusão de curso (graduação em enfermagem). Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2014. 23p.

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de Marketing**. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINS, Álissan Karine Lima et al. Literatura de cordel: tecnologia de educação para saúde e enfermagem. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, n.19, v. 2, abr./jun. 2011, p. 324-9.

MARZANO, Maria Luisa Rietra; SOUZA, Célia Antunes C. de. O espaço social do CAPS como possibilitador de mudanças na vida do usuário. **Texto Contexto Enferm.** v. 13, n. 4, p. 577-84. out./dez. 2004.

MELO, Veríssimo de. **Literatura de cordel: visão histórica e aspectos principais**. In: *Literatura de cordel: antologia*. LOPES, Ribamar (org.). 3 ed. 1994.704 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

NASCIMENTO, Monalisa Muniz. Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental. **PSIC - Revista de Psicologia da Vector** Editora, v. 7, n° 1, Jan./Jun. 2006, p. 101 – 102. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/psic/v7n1/v7n1a14.pdf>> Acesso em 01 de Abril de 2009.

NASCIMENTO, Adail Afrânio Marcelino do; BRAGA, Violante Augusta Batista. Atenção em saúde mental: a prática do enfermeiro e do médico do programa saúde da família de Caucaia-CE. **Cogitare Enferm.** v. 9, n. 1, p. 84-93, 2004.

NEGRÃO, Maria José da Trindade. Introdução à literatura de cordel. **Letras**. Curitiba, v. 23, p. 135-152, jun. 1975.

NOBRE, Érika. **Terapia ocupacional**. Disponível em: <<http://www.terapeutaocupacional.com.br/definicao.htm>>. Acesso em 03 de março de 2009.

PAGLIUCA, Lorita Marlena Freitag et al. Literatura de cordel: veículo de comunicação e educação em saúde. **Texto contexto** - enferm. v. 16 n. 4 Florianópolis, out./dez. 2007

PHILIPPINI, Ângela. Arteterapia e outras terapias expressivas no novo paradigma de atenção em saúde mental. In: **Arteterapia no novo paradigma de atenção em Saúde Mental**. Valladares, Ana Paula Afonso (og.), São Paulo: Vetor, 2004.

RAUTER, Cristina. Oficinas para quê? Uma proposta estético-política para oficinas terapêuticas. In: AMARANTE, Paulo. **Ensaio**: subjetividade, saúde mental, sociedade. 1 ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. p. 267-278.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, Ruth Mylius. O enfermeiro na equipe interdisciplinar do Centro de Atenção Psicossocial e as possibilidades de cuidar. **Texto contexto-enfermagem**. v.14, n.3, Florianópolis, jul./set. 2005.

SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos. A redescoberta da voz e da tradição: novos objetos, novas pesquisas históricas. Universidade Federal de Santa Catarina. **Revista Internacional de Folkcomunicação**. ago. 2006

SILVEIRA, M.F.A. **Atenção Básica à Saúde**: a transição da cultura do atendimento à doença para a cultura da humanização da vida. Relatório Final. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica. Campina Grande UEPB, 2002.

SILVEIRA, M. F. A et al . Apresentação da avaliação do processo de capacitação do programa de saúde da família em Campina Grande. **Relatório Final**. Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba. Campina Grande, 2004.

SOARES, Carlene Borges; MUNARI, Denize Bouttelet; Considerações acerca da sobrecarga em familiares de pessoas com transtornos mentais. **Cienc Cuid Saude**. v. 6, n.3, p. 357-362, jul./set. 2007.

TENÓRIO, F.: A reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias atuais: história e conceito. **História, Ciências, Saúde** - Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 25-59, jan./abr. 2002.

TREZZA, Maria Cristina Soares Figueiredo; SANTOS, Regina Maria dos; SANTOS, Jirliane Martins dos. Trabalhando educação popular em saúde com a arte construída no cotidiano da enfermagem: um relato de experiência. **Texto contexto** - enferm. Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 326-334, 2007.

VALLADARES, Ana Paula Afonso. FUSSI, F. E. C. A Arteterapia e a reforma psiquiátrica no Brasil. **Rev. Arteterapia**: Imagens da Transformação. Rio de Janeiro: Clínica Pomar, v.10, n.10, p.5-13, 2003.

_____.; NOVATO, A. C. R. S. Aspectos transformadores da construção em Arteterapia com adolescentes. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. v. 3, n. 1, Goiânia, jan-jun, 2001.

_____. **Arteterapia com crianças hospitalizadas**. 2003. 210f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, USP, Ribeirão Preto, 2003.

_____. A Arteterapia e a reabilitação psicossocial das pessoas em sofrimento psíquico. In: **Arteterapia no novo paradigma de atenção em Saúde Mental**. São Paulo: Vetor, 2004.



INCLUIR, OUVIR E CUIDAR

POETISA ANNE KAROLYNNE

Visto a camisa da luta
Antimanicomial
Em protesto aos hospícios
Um grito universal
Em prol da dignidade
Do direito, humanidade
E da saúde mental.



Seja esquizofrenia
Pânico ou depressão
Um transtorno bipolar
Nas drogas, adicção
O rótulo é irrelevante
O que é mais importante
É saber que é cidadão.



A pessoa em sofrimento
Foi muito tempo excluída
Foi torturada, isolada
Por tempos foi esquecida
Mas precisa de assistência
Ser ouvida em sua essência
Para que seja acolhida.

É preciso mais respeito
Cultivado a cada dia
Estimular cada um
A ter sua autonomia
Pra ter proatividade
Desfrutar de amizade
Respirando poesia.

Chamar de louco? Maluco?
Por que falar desse jeito?
Quem tem transtorno mental
Precisa de mais respeito.
O sofrimento que for
Precisa de mais amor
E também de ser aceito.

Segregar não é caminho
Mas acolher e escutar
Promovem a inclusão
Pra ressocializar.
Quem sofre, quer mais carinho
Este sim é o caminho:
Incluir, ouvir, cuidar.





Quando penso em promover
Saúde à população
Uso a minha ferramenta
Que me traz inspiração
E, com rimas num papel,
Eu utilizo o cordel
Pra saúde e educação.

Conto pra vocês, então
Sobre um caso que ocorreu
Num CAPS da Paraíba
E em dois mil e dez se deu
Esta rica experiência
Com Chirlaine na docência
Guiando esse estudo meu.

O CAPS que me acolheu 
É chamado Reviver.
Pra lá, levei uns cordéis
Pro povo escutar e ler
Durante cada oficina
Na cidade de Campina
Fui ensinar e aprender.
E também de ser aceito.



A pesquisa eu fui fazer
Trabalhada em alto astral
Na ânsia para aprender
Sobre a saúde mental
E ver como é que seria
Levar minha poesia
Para o CAPS, afinal.



O resultado final
Que eu e Chirlaine expusemos
Vocês encontram no livro
Que, com carinho, escrevemos
Cada foto e impressão
O passo a passo da ação
De tudo o que nós vivemos.

Nesse livro aqui nós temos
O registro de uma história
Que marcou as nossas vidas
E não sai mais da memória
Por isso nós transformamos
Num livro que partilhamos
Sobre a nossa trajetória.

POETISA ANNE KAROLYNNE

